

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibebe Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitário de Estudos Sociais da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



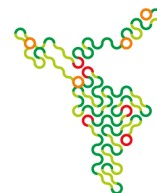
GT66

**GT66: Patrimônio Educativo,
Cultura Escolar e História da
Educação**

SUMÁRIO

CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

- 7 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO BRASIL**
Yohana Taise Hoffmann
David Antonio da Costa
- 19 ENTRE FAZERES E SABERES: O REPOSITÓRIO DIGITAL TATU – UM ACERVO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA UNIPAMPA**
Alessandro Carvalho Bica
Raissa Lamadril da Silva Silveira
Tobias de Medeiros Rodrigues
- 28 O NACIONALISMO MUSICAL PRESENTE NA ESCOLA MUSICAL DE BAGÉ/RS (1921-1927)**
Luís Borges dos Santos Júnior
Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
- 38 OS CONGRESSOS BRASILEIROS DE PEDAGOGIA ESPÍRITA E SUA INVISIBILIDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (2004-2014)**
Livia Maria de Carvalho
Paula Leonardi
- 51 OS PASSOS INICIAIS DA FORMAÇÃO POLÍTICA DE MARLENE SOCCAS COMO MILITANTE DE ESQUERDA**
Rose Méri Nietto
Giani Rabelo
- 63 RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA DOCENTE DA IRMÃ NORBERTA OGNIIEWSKI (1937-1999)**
Cintia Gonçalves Martins



ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO BRASIL

Yohana Taise Hoffmann¹
David Antonio da Costa²

Resumo: Temos como objetivo para esta comunicação analisar a constituição do campo da História da educação matemática (Hem) no Brasil a partir de seus aspectos sócio-históricos. Apoiando-se no referencial teórico de Pierre Bourdieu (1930-2002), em relação ao conceito de campo podemos defini-lo como um espaço social constituído por relações de força e dominação, de intensa competição entre os agentes que ocupam diferentes posições (os dominantes e os dominados) com o objetivo de conservar ou transformar o mesmo. Assim, o campo científico é um microcosmo e o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica. Desta maneira, a Hem ao passar dos anos vem buscando sua própria representação e legitimação, ou seja, ultrapassar as condições que a denominam como uma especificidade da História da Matemática, da Educação Matemática e até mesmo da História e História da Educação, para perguntas e reflexões próprias. No entanto, pensando nas questões da autoridade e autonomia científica, a Hem pode ser considerada como um campo científico na sua visão mais micro e dependendo das suas relações na macrosociologia, com os demais campos, a Hem pode ser considerada como um subcampo, por exemplo, da História da Matemática, da Educação Matemática e da História da Educação. Esse movimento, entre macro e micro, faz-se necessário para compreendermos que o campo científico não é algo fixo e neutro, estando em constantes transformações.

Palavras-chave: Campo científico. História da educação matemática. Legitimação. Sociologia histórica.

Socio-historical aspects of the field of the History of mathematics education in Brazil

Abstract: Our objective for this communication is to analyze the constitution of the field of History of mathematics education (Hem) in Brazil from its socio-historical aspects. Based on the theoretical framework of Pierre Bourdieu (1930-2002) in relation to the concept of field, we can define as a social space constituted by relations of force and domination, of intense competition between the agents who occupy different positions (the dominant and the dominated) with the aim of preserving or transforming it. Thus, the scientific field is a microcosm and what is at stake is the monopoly of scientific authority. In this way, Hem, over the years, has sought its own representation and legitimation, that is, to overcome the conditions that call it a specificity of the History of Mathematics, of Mathematical Education and even of the History and History of Education, for own questions and reflections. However, thinking about the issues of authority and scientific autonomy, Hem can be considered as a scientific field in its most micro view and depending on its relations in

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil.

² Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Metodologia de Ensino, Florianópolis, Brasil.



macrosociology, with the other fields, Hem, can be considered as a subfield, for example, the History of Mathematics, Mathematical Education and the History of Education. This movement, between macro and micro, is necessary to understand that the scientific field is not something fixed and neutral, it is in constant transformations.

Keywords: Scientific field. History of mathematics education. Legitimation. Historical sociology

Apresentação: uma sociologia histórica

Como podemos separar o objeto de investigação do sociólogo e/ou do historiador? Para Chartier (2002, p. 156), há uma “tensão fundamental: a idéia segundo a qual o sociólogo não está ausente do objeto de sua descrição. Pode-se dizer que o historiador também está dentro do seu objeto, mas não da mesma maneira”. Os apontamentos de Chartier (2002), permeiam a relação entre a sociologia e a história, em particular, nos escritos do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). Do mesmo modo que Bourdieu analisou o campo científico do qual era membro, nos colocamos nesta posição como constituintes do campo da História da educação matemática (Hem) no Brasil, objeto de nossas análises, o qual não consideramos isento de contradições e tensões.

Neste sentido, cabe mencionar o pensamento relacional de Bourdieu, que, de acordo com Chartier (2002, p. 140), “podem estar visíveis nas formas de coexistência, de sociabilidade, ou de relações entre indivíduos, ou ainda de relações mais abstratas, mais estruturais”. É importante ressaltar a ideia do coletivo, que o indivíduo não está isolado e se distanciando das ideias do gênio singular, dos universalismos e das homologias (CHARTIER, 2002).

Dessa forma, apresentamos o conceito de campo científico para Bourdieu (2001a, p. 133): “Os campos científicos, esses microcosmos que, sob certos aspectos, constituem mundos sociais idênticos aos demais, com concentrações de poder e de capital, monopólios, relações de força, interesses egoístas, conflitos etc.”. O campo científico constitui-se em um espaço de lutas simbólicas, sendo um sistema constituído por relações objetivas entre posições adquiridas em lutas anteriores, ressaltando que cada campo possui suas regras e hierarquias, conflitos e tensões, assim como, sua própria delimitação e autonomia. Assim, segundo Bourdieu (2001b, p. 52), o campo científico é um espaço de intensa competição entre os concorrentes do campo, “um campo de forças dotado de uma estrutura e também um espaço de conflitos pela manutenção ou transformação desse campo de forças”. Mas também, é um “campo de ação socialmente construído em que os agentes



dotados de diferentes recursos se defrontam para conservar ou transformar as relações de forças vigentes” (BOURDIEU, 2001b, p. 54).

Assim, temos como objetivo para esta comunicação analisar a constituição do campo da Hem no Brasil a partir de seus aspectos sócio-históricos. Destarte, iniciamos as reflexões da sociologia histórica, o qual este trabalho está inserido, assim como, o referencial teórico de Bourdieu. Segundo Chartier (2002, p. 150), “não há contradição entre descobrir, analisar as condições de possibilidade de produção de saber e considerar que este saber pode ou não ser comprovado numa epistemologia particular em um tempo e um lugar”. Para este autor é presente nas análises de Bourdieu uma historicidade.

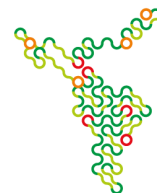
O nosso objeto de análise possui uma historicidade, como vimos, o campo é um espaço social constituído por relações de força e dominação, de intensa competição entre os agentes que ocupam diferentes posições (os dominantes e os dominados) com o objetivo de conservar ou transformar o mesmo. Assim, o campo científico é um microcosmo e o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica.

Um campo não isento de contradições: a Pós-Graduação no Brasil e as sociedades científicas

“Para se não ser objeto dos problemas que se tomam para objeto, é preciso fazer a história social da emergência desses problemas, da sua constituição progressiva, quer dizer, do trabalho colectivo” (BOURDIEU, 1989, p. 37). Dessa forma, a partir da sociologia histórica, buscamos desvelar nosso objeto, em particular, o campo da Hem no Brasil.

Bourdieu (2001b), quando apresenta o processo de desenvolvimento de um campo científico, menciona o historiador e sociólogo das ciências Yves Gingras, que distingue dois momentos, o primeiro seria de uma prática pré-disciplinar e o segundo momento já seria da constituição de um grupo socialmente reconhecido, da sua disciplinarização:

em primeiro lugar, a emergência de uma prática de investigação, ou seja, de agentes cuja prática assenta mais na investigação do que no ensino, e a institucionalização da investigação na universidade através da criação de condições favoráveis à produção do saber e à reprodução a longo prazo do grupo; em segundo lugar, a constituição de um grupo reconhecido como socialmente distinto e de uma identidade social, quer disciplinar, através da criação de associações científicas, quer profissional, através da criação de uma corporação: os cientistas dotam-se de representantes oficiais que lhes dão visibilidade social e que defendem os seus interesses (BOURDIEU, 2001b, p.73).



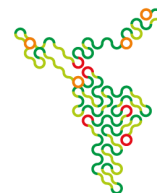
Assim, consideramos como elementos que constituem um campo científico as produções científicas na área com a realização de teses e dissertações; a criação de Grupos de Pesquisas (GPs); outro aspecto que contribui para a sua constituição é a divulgação e socialização das pesquisas, como os eventos científicos e as revistas temáticas, assim como, o fomento e promoção pelas associações e sociedades científicas; e as disciplinas que contribuem para a autonomia e estabilidade do próprio campo (HOFFMANN; COSTA, 2020a; HOFFMANN; COSTA, 2020b; HOFFMANN; COSTA, 2018; HOFFMANN; COSTA; NAKAMURA, 2020).

Neste momento, é importante historicizar a Pós-Graduação no Brasil, o contexto da criação das sociedades científicas e os demais campos com os quais que a Hem realiza diálogos e/ou está em constantes tensões, tanto para o seu reconhecimento quanto para sua legitimação. Dessa forma, iniciamos pelo campo da Educação Matemática, que, segundo Miguel *et al.* (2004), começa a ter reconhecimento a partir do matemático Felix Klein (1849-1925), com a publicação do livro “*Matemática elementar de um ponto de vista avançado*”, em 1908.

Os autores Miguel *et al.* (2004), caracterizam o Congresso Internacional de Matemáticos, realizado em Roma, em 1908, da Comissão Internacional de Instrução Matemática, conhecida pelas siglas IMUK/ICMI, como um momento para a consolidação da Educação Matemática, de uma subárea da matemática e da educação, de natureza interdisciplinar. Outro momento é a fundação do *National Council of Teachers of Mathematics* (NCTM) em 1920, como um espaço para os professores de matemática refletirem suas preocupações, interesses e problemáticas próprias. De forma a contribuir para solidificação do campo:

Em 1969, realizou-se em Lyons, França, o Primeiro Congresso Internacional de Educação Matemática (ICME1); em 1972 realizou-se o ICME 2, em Exeter, e desde então, a cada quatro anos, reúne-se um ICME, com a presença de pesquisadores em educação matemática de todo o mundo e organizado sob a responsabilidade da Internacional Commission of Mathematics Instruction (ICMI), uma das comissões especializadas da International Mathematics Union (IMU). Os ICMEs têm dois anos de defasagem dos Congressos Internacionais de Matemáticos (ICM) (MIGUEL *et al.*, 2004, p. 73).

Outro fator que contribuiu para o campo da Educação Matemática, foi na década de 1960 a fundação de uma revista especializada: o *Journal of Research in Mathematics Education* (JRME) (MIGUEL *et al.*, 2004). Ao mencionar o reconhecimento do campo da Educação Matemática, é necessário destacar a sua disciplinarização e institucionalização, ou seja, de acordo com Kilpatrick (1996) um campo profissional quanto científico. Os primeiros educadores matemáticos estavam



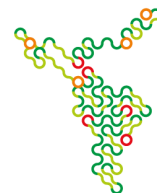
preocupados com o ensino de matemática e a pesquisa sobre o ensino da matemática eventualmente era realizada. Dessa forma Kilpatrick (1996, p. 112), compreende que deva existir uma relação entre o campo científico e profissional, “o lado científico não pode se desenvolver muito além, a menos que ele seja, de alguma forma, aplicado à prática profissional, e o desenvolvimento profissional requer o conhecimento especializado, que somente a investigação científica pode oferecer”. Esse reconhecimento, só foi possível:

Quando a Educação Matemática foi adotada por universidades na Grã-Bretanha, Alemanha, Bélgica, e os Estados Unidos, na virada do século, sua função era vista como profissional. Foram organizadas conferências que suplementaram as conferências em matemática que os professores secundários estavam recebendo para prepará-los para a prática de ensino. Ao mesmo tempo, como Schubring (1993) apontou, as primeiras cadeiras de Educação Matemática foram estabelecidas, e os primeiros doutorados em Educação Matemática foram outorgados, o que significou que a Educação Matemática foi emergindo como um campo científico independente. O problema era que nem todos viam isto desta forma. Muitos, talvez a maioria dos acadêmicos, consideravam a Educação Matemática como um pouco mais do que uma arte ou ocupação, essencialmente sem nenhum corpo de conhecimento teórico para ser aplicado na formação de professores. Só após os anos 60, em meio a uma profissionalização crescente na formação de professores, é que a Educação Matemática começou em muitos países a alcançar o status profissional, oferecendo aos futuros professores mais do que os cursos usuais no currículo e metodologia de ensino poderiam proporcionar (KILPATRICK, 1996, 112).

Assim, há diversos movimentos que contribuíram para a constituição e o reconhecimento desse campo da Educação Matemática, como realização de congressos, revistas específicas, criação de sociedades, assim como, a sua disciplinarização e institucionalização. No Brasil, como estava esse movimento, essa relação da Educação Matemática com o campo científico e profissional?

Primeiro é importante ressaltar que a produção acadêmica e científica no Brasil teve seu desenvolvimento com a criação da Pós-Graduação em 1965, a partir de uma solicitação realizada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) pela sua regulamentação já prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (NAZARENO; HERBETTA, 2019). De acordo com Nazareno e Herbetta (2019, p. 104), atendendo a solicitação, o MEC emitiu o “parecer n. 977/1965, de cuja comissão fizeram parte, além do relator Newton Sucupira (1920-2007), nomes bastante representativos da intelectualidade brasileira, entre eles Alceu Amoroso Lima (1883-1983) e Anísio Teixeira (1900-1971)”. Saviani (2000), reforça que a data do decreto marca:

o início do primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação no Brasil em nível de mestrado que foi o da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 1969 o mesmo conselheiro foi o relator do parecer 77/69, aprovado em 11 de fevereiro de 1969, que regulamentou a implantação da pós-graduação no Brasil e, também nesse ano, é instituído o Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Educacional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (SAVIANI, 2000, p. 4-5).

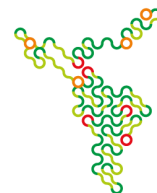


Esse período Saviani (2000) nomeia de “heroico”, pois foi necessário criar condições a partir do nada. Tais condições não estariam apenas relacionadas a aspectos físicos, mas também aos doutores, que eram os formados no exterior ou pelo doutorado direto a partir de mestres também formados no exterior, previsto em Estatutos e Regimentos das universidades. Assim, “em seguida aqueles alunos titulados nos programas pioneiros de mestrado instalados no país, a pós-graduação foi sendo implantada suprindo-se a carência de infra-estrutura com muito trabalho e criatividade como, por exemplo, na falta de bibliotecas adequadas” (SAVIANI, 2000, p. 5).

Do mesmo modo, os autores Nazareno e Herbetta (2019), mencionam que “grande parte da estrutura do que viria a ser a Pós-Graduação *stricto sensu* brasileira foi fundamentada neste Parecer 977”, corroborando ao que Saviani (2000) aponta da deficiência da Pós-Graduação no país. Os autores relatam ainda que o “objetivo primordial seria, então, corrigir deficiências estruturais existentes principalmente na formação docente e na qualificação de quadros voltados à produção científica e que contribuíssem com o desenvolvimento nacional” (NAZARENO; HERBETTA, 2019, p. 104).

No entanto, a partir dos anos 1970 esse cenário começa a mudar, visto que “pela primeira vez o governo brasileiro buscou articular o desenvolvimento científico com uma estratégia mais ampla de desenvolvimento econômico do país” (BALBACHEVSKY, 2005, p. 278). A autora menciona que foi um período de investimento, e podemos observar isso também em 1975 já que “o antigo e, até então, pequeno Conselho Nacional de Pesquisa foi reformado e transformado em um novo e muito mais amplo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq” (BALBACHEVSKY, 2005, p. 279). Assim como algumas iniciativas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Pós-Graduação no Brasil vai ganhando força e se consolidando:

Uma das estratégias acionadas pela CAPES tendo em vista esse objetivo de consolidar a Pós-Graduação no país, foi induzir à criação de Associações Nacionais por área de conhecimento. Em decorrência das gestões então realizadas, surgiu na área de educação a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) que realizou sua primeira Reunião Anual em 1978, em Fortaleza [...] Papel importante desempenhou também o PICD (Programa Institucional de Capacitação de Docentes), implantado pela CAPES em 1976 que visa, através da concessão de bolsas de estudos, liberar professores universitários com salário integral para cumprir programas de mestrado ou de doutorado nos principais centros de pós-graduação do país. Esse programa foi importante duplamente: de um lado porque fornecia regularmente um contingente de alunos dispondo de condições bastante favoráveis para realizar a pós-graduação; de outro lado, porque se constituiu num mecanismo de formação



de quadros de professores-pesquisadores que iriam consolidar ou permitir a instalação de novos programas de pós-graduação nas instituições a que estavam contratualmente vinculados (SAVIANI, 2000, p. 6-7).

De acordo com Saviani (2000, p.7), no início da década de 1980 observamos a fase de consolidação, em “1984 com a criação do Programa de Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP campus de Rio Claro) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina prosseguindo”

Em 1965, quando os primeiros estudos pós-graduados foram reconhecidos, o Conselho Nacional de Educação identificou ao todo 38 programas de pós-graduação: 27 mestrados e 11 doutorados. Dez anos depois, em 1975, o Brasil já contava com 429 programas de mestrado e 149 de doutorado. Desde então esses números não pararam de crescer. Em 2002, tínhamos 1.506 programas de mestrado e 841 de doutorado (BALBACHEVSKY, 2005, p. 218).

Em pesquisa realizada na Plataforma Sucupira, para busca dos dados cadastrais dos Programas de Pós-Graduação no país³, obtivemos 16 resultados, na situação em funcionamento, para o descritor programa: “Educação matemática”, três na modalidade profissional e 13 na modalidade acadêmico entre mestrado e doutorado. Essa consulta mostra como o campo da Educação Matemática, articula com o campo científico e profissional, buscando formar professores e pesquisadores na área.

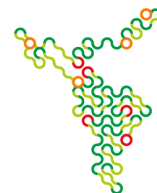
Outro aspecto que destacamos para a legitimação da Educação Matemática, foi em 1999, a “criação de um grupo de trabalho numa associação nacional do porte da ANPED, que congregue pesquisa de uma determinada área de saber, pressupõe, antes de tudo, reconhecimento da área pela academia” (MIGUEL *et al.*, 2004, p. 73).

Por um lado, se seu reconhecimento adviria da divulgação das pesquisas, por outro os espaços próprios a essa divulgação restringiam-se quase que a duas revistas – Bolema e Zêtetiké – e aos trabalhos acadêmicos para fins de titulação. Por todo o país era crescente a organização de núcleos de pesquisas em educação matemática nos programas de pós-graduação em educação, além da consolidação dos programas de pós-graduação específicos em educação matemática, como o da UNESP Rio Claro e o da PUC-SP.

A Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), a essa época, abrigava em seus encontros – fossem regionais, estaduais ou nacionais – mais resultados de estudos relativos ao ensino de matemática, do que, propriamente, de pesquisas acadêmicas sobre educação matemática. Ao lado disso, ampliava-se o número de doutores na área, muitos com títulos obtidos fora do país (MIGUEL *et al.*, 2004, p. 74).

³ Para mais informações, disponível:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>. Acesso em: 01 jun. 2020.



Ao refletir os 30 anos da SBEM, Fernandes e Valente (2019) fazem alguns questionamentos, os quais, podemos identificar uma pergunta relacionada ao campo da Hem:

A SBEM, na sua dimensão de Sociedade que congrega, em si, uma comunidade científica, vem tendo papel fundamental para a sedimentação de consensos sobre a formação de professores de Matemática. Que saberes deverão participar da formação daqueles que ensinam Matemática? Em meio às variadas tendências já assentadas da Educação Matemática, o debate dos resultados de pesquisas sobre esse elemento fundamental de caracterização profissional vem ganhando prioridade. Que Cálculo deve estar presente na formação do licenciado? **Que papel deverá ter a História da Educação Matemática nas práticas do futuro professor?** Que significado terão as Tecnologias da Informação e Comunicação para a atuação do docente em Matemática? Como a resolução de problemas em termos de um método poderá reorganizar a formação do professor? (FERNANDES; VALENTE, 2019, p. 9, grifo nosso).

Neste momento, vimos os embates iniciais da consolidação da Pós-graduação no Brasil e a constituição do campo da Educação Matemática. No entanto, investigações a respeito da Hem foram emergindo, por exemplo, no Brasil em 1984 temos a primeira dissertação na área, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e em 1995, a primeira tese de doutorado defendida, no Programa em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), assim como, a partir do ano de 2007 é possível verificar uma regularidade das pesquisas defendidas no âmbito da Hem (BRITO; MIORIM, 2016).

Outro aspecto que contribui para a constituição de um campo são os Grupos de Pesquisas (GPs), assim realizamos uma busca no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, vinculado ao CNPq⁴, a fim de identificar os GPs que investigam a Hem. Utilizamos o descritor “*história da educação matemática*” para os campos: nome do grupo e linha de pesquisa. Obtivemos 18 resultados, na época, e o grupo pioneiro foi criado em 1996: História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Em relação a circulação de ideias a partir dos eventos e as revistas científicas no campo da Hem, iniciando com a mobilização da comunidade internacional de pesquisadores até o âmbito nacional, pode ser observada no trabalho de Hoffmann e Costa (2020a). Aqui destacamos o Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (ENAPHEM), com periodicidade bienal, esse evento, em particular, possui o apoio da Sociedade Brasileira de História da Matemática (SBHMat), assim como, a mesma sociedade promove a Revista de História da Educação Matemática

⁴ Para mais informações, disponível: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Acesso em: 07 jul. 2019.



(HISTEMAT)⁵. Dessa forma, as sociedades SBHMat e a SBEM fazem parte do processo de reconhecimento do campo da Hem (HOFFMANN; COSTA, 202b).

Em resumo, esses elementos representam tanto a constituição quanto a legitimação do campo da Hem, um outro fator são as disciplinas que contribuem para a autonomia e estabilidade, há um debate inicial em relação à disciplinarização do campo da Hem presente no trabalho de Hoffmann e Costa (2018). Contudo, ainda permanecem questões relacionadas ao lugar da Hem no campo científico e acadêmico. Cabe destacar o excerto do livro do I ENAPHEM, nas conclusões, Valente (2014b, p. 330) menciona:

A maioria da história da educação matemática, ao que tudo indica, terá como caminho a trilhar aquele de transformar-se da condição de especialidade, seja da História da Matemática, da Educação Matemática, ou mesmo da História/História da Educação, para a plenitude de um campo científico, erigindo-se como uma disciplina.

Assim, apresentamos as diferentes percepções do lugar da Hem, de acordo com alguns agentes pertencentes a esse campo. Segundo Valente (2010; 2014a; 2020), há quatro vertentes para compreender o lugar da Hem: História da educação matemática como subconjunto da História da Matemática; História na educação matemática; História oral e educação matemática; História da educação matemática vista como História, em particular da História da Educação.

Já para Garnica (2017), a aproximação entre História da Matemática e Educação Matemática não é natural. A História da Matemática, segundo o autor, já é um campo consolidado, no entanto, há pesquisadores que se esforçam para criar essas relações de aproximação.

Considero que os pesquisadores em História da Matemática (HM) que trabalham com a cultura matemática escolar (o que mais comumente tem sido chamado de História da Matemática e Ensino, ou nomenclatura similar) desenvolvem estudos em História da Educação Matemática (HEM), participando ou não da comunidade de pesquisadores em História da Educação Matemática. Até onde percebo, atualmente tem havido esforços para criar uma interseção mais nítida, objetiva e operante entre HM e HEM (GARNICA, 2017, p. 39).

Outra perspectiva que podemos considerar está presente no texto de Mendes (2019), para o autor há três dimensões, a saber: História e Epistemologia da Matemática, História da Educação Matemática e História para o Ensino da Matemática. Dessa forma, a Hem é uma dimensão da História da Matemática para o autor.

Na dimensão HEdM [História da Educação Matemática ou como chamamos de Hem], foram incluídos artigos, que têm o objetivo de recuperar ou reconstruir a memória da educação

⁵ Para mais informações disponível em: <http://www.histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/issue/view/19>. Acesso em: 01 jun. 2020.



matemática brasileira; como a biografia de matemáticos e professores de matemática; a história de disciplinas escolares; a história de conteúdos e do currículo escolar de matemática; a história dos movimentos ligados à matemática e suas implicações para a matemática escolar e a história de instituições escolares (MENDES, 2019, p. 30).

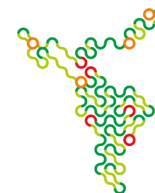
A partir do exposto, podemos compreender a Hem como um campo que possui intersecções com a História da Educação, História da Matemática e com a Educação Matemática, a partir do lugar social dos agentes que a investigam. Além desses campos podemos pensar em novas relações, entre a Hem e a própria História e a Educação, como também, com a Sociologia, a Filosofia, a Linguagem, a Arte, entre tantos outros campos. Tendo em vista o pensamento relacional da sociologia histórica, para compreender os conflitos e tensões existentes entre os campos e o lugar social dos respectivos agentes.

Algumas considerações

Como é apontado por Bourdieu (2001a; 2001b), todo campo busca a sua autoridade científica, bem como a sua autonomia perante os demais campos. Assim, o campo da Hem possui tensões, conflitos e contradições particulares, aqui podemos notar contradições geradas pelos membros do próprio campo, os quais tensionam para o seu lugar de social.

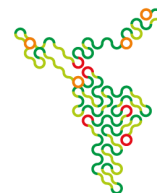
No entanto, pensando nas questões da autoridade e autonomia científica, a Hem pode ser considerada como um campo científico na sua visão mais micro e dependendo das suas relações com os demais campos, com o olhar relacional mais macro, a Hem se torna um subcampo. Ou seja, a Hem, pode ser considerada como um subcampo, por exemplo, da História da Matemática, da Educação Matemática e da História da Educação. Desta maneira, a Hem com o passar dos anos vem buscando sua própria representação e legitimação, ou seja, ultrapassar as condições que a denominam como uma especificidade da História da Matemática, da Educação Matemática e até mesmo da História da Educação, para perguntas e reflexões próprias.

Ainda mais, quando observamos os aspectos sócio-históricos, as relações que são in[con]stituídas, entre dominados e dominantes, entre campos científico, profissional e econômico. Esse movimento, entre macro e micro, é necessário para compreendermos que o campo científico não é algo fixo e neutro, de modo que ele está em constante transformações.



Referências

- BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: Colin Brock e Simon Schwartzman. (Org.). **Os desafios da educação no Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005, v. 1, p. 275-304.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.
- BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2001b.
- BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989. p. 17-58
- BRITO, A. J.; MIORIM, M. A. A institucionalização da História da Educação Matemática. In: Antonio V. M. Garnica. (Org.). **Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil**. 1ed. São Paulo: Livraria da Física Editora, 2016, v. 1, p. 67-92.
- CHARTIER, R. Pierre Bourdieu e a História. **Topoi**, Rio de Janeiro, mar. 2002, p. 139-182.
- FERNANDES, F. S.; VALENTE, W. R. Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 30 anos: sujeitos, políticas e produção de conhecimento. **Bolema** (Rio Claro), v. 33, p. IV-XIX, 2019.
- GARNICA, A.V. M. Sobre o lugar da História na Formação de Professores de Matemática: um ensaio. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, v. 1, p. 27-50. 2017.
- HOFFMANN, Y. T.; COSTA, D. A. Circulação de ideias em eventos da História da educação matemática. **REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL**, v. 20, n. 67, p. 2004-2026, 2020a. DOI: <http://doi.org/10.7213/1981-416X.20.067.AO06>
- HOFFMANN, Y. T.; COSTA, D. A. História da educação matemática e as sociedades científicas: Um campo não isento de contradições. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (V ENAPHEM), 2020, Campo Grande. **Anais do V ENAPHEM**, 2020b. p. 1-6.
- HOFFMANN, Y. T.; COSTA, D. A. História da educação matemática: um campo de lutas. In: IV Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (IV ENAPHEM), 2018, Campo Grande. **Anais do IV ENAPHEM**, 2018. p. 1-13.
- HOFFMANN, Y. T.; COSTA, D. A.; NAKAMURA, L. R. Una mirada a las producciones en Historia de la educación matemática en el VII Seminario Internacional de Investigación en Educación Matemática. **PARADIGMA (MARACAY)**, p. 912-937, 2020. DOI: <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2020.p912-937.id775>
- KILPATRICK, J. Fincando estacas: uma tentativa de demarcar a EM como campo profissional e científico. **Zetetiké**. Campinas (SP): CEMPEM - FE/UNICAMP, vol.4, n.5, p.99-120, jan/jun-1996.



MENDES, I. A. História para a educação matemática: apontamentos sobre as pesquisas brasileiras. **Revista Exitus**, v. 9, p. 26-50, 2019.

MIGUEL, A.; GARNICA, A. V. M.; IGLIORI, S. B. C.; D'AMBROSIO, U. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 70-93, Dec. 2004.

NAZARENO, E.; HERBETTA, A. F. A pós-graduação brasileira: sua construção assimétrica e algumas tentativas de superação. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 24, n. 2, p. 103-112, jun. 2019.

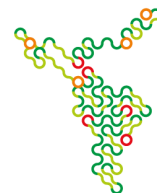
SAVIANI, D. A PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO BRASIL: TRAJETÓRIA, SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-95, jul. 2000.

VALENTE, W. R. Matemática, Educação e História da Educação Matemática: campos disciplinares e o saber profissional do professor que ensina matemática. In: Wagner Rodrigues Valente. (Org.). **Ciências da Educação, Campos Disciplinares e Profissionalização: saberes em debate para a formação de professores**. 1ed.São Paulo: L F Editorial, 2020, v. 1, p. 187-210.

VALENTE, W. R. Os diálogos trans, inter e intra da história da educação matemática. In: VALENTE, W. R. (Org.). **História da Educação Matemática no Brasil**. 1ed.São Paulo: Livraria e Editora da Física, 2014a, v. 1, p. 97-116.

VALENTE, W. R. Por uma história da educação matemática como uma disciplina científica. In: VALENTE, W. R. (Org.). **História da Educação Matemática no Brasil**. 1ed.São Paulo: Livraria e Editora da Física, 2014b, v. 1, p. 327-331.

VALENTE, W. R. Trends of the history of mathematics education in Brazil. **ZDM (Berlin. Print)**, v. 42, p. 315-323, 2010.



ENTRE FAZERES E SABERES: O REPOSITÓRIO DIGITAL TATU – UM ACERVO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA UNIPAMPA

Alessandro Carvalho Bica¹
Raissa Lamadril da Silva Silveira²
Tobias de Medeiros Rodrigues³

Resumo: O projeto “Repositório Digital Tatu – O Acervo de História da Educação da Unipampa” surgiu no contexto do projeto de pesquisa “As Políticas Públicas de Formação de Professores em impressos pedagógicos: O caso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1978)”, que desde 2015 tem desenvolvido ações que permitiram a digitalização e disponibilização online de algumas edições da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Sendo assim, a partir de 2018, situado dentro de um projeto guarda-chuva de maior escopo, intitulado: “Educação, História e Políticas na região de abrangência da Universidade Federal do Pampa” e com apoio nos esforços dos participantes do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos, da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, teve a proposta inicial ampliada com a disponibilização de versões digitais de outros acervos e a criação do Repositório Digital Tatu. Assim, o virtual tem como objetivo inventariar fontes de pesquisa relacionadas à História e à História da Educação e compor um acervo digital acessível para outros pesquisadores internos e externos às instâncias da Universidade Federal do Pampa. Nesta lógica, entende-se que esta ação de democratização de fontes documentais para além dos muros da universidade, configura-se como uma nova alternativa e uma possibilidade de difundir informação e promover o conhecimento como uma forma que possibilita as práticas de pesquisa, de extensão e de ensino para a área da História e História da Educação.

Palavras-chave: Repositórios Digital. Acervo Documental. História da Educação.

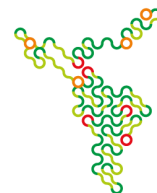
BETWEEN DOING AND KNOWLEDGE: THE TATU DIGITAL REPOSITORY - A COLLECTION OF HISTORY OF EDUCATION AT UNIPAMPA

Abstract: The project “Tatu Digital Repository - Unipampa's Collection of History of Education” emerged on the context of the search project “Public Policies for Teacher Education in Pedagogical Prints: The case of Revista do Ensino of Rio Grande do Sul (1951-1978)”, since 2015 has developed actions that allowed digitization and online availability of some editions of Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Therefore, from 2018, situated within an umbrella project of greater scope, nominated, “Education, History and Politics in the region covered by the Federal University of Pampa” and with the support from the participants, of the Research Group on History of Education, Digital Repositories

¹ Professor Dr. da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus Bagé, Brasil. Coordenador do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA-UNIPAMPA).

² Estudante de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa, membro do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA-UNIPAMPA) e bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

³ Analista de Tecnologia de Informação da Universidade Federal do Pampa e membro do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA-UNIPAMPA).



and Historical Collections, of the Federal University of Pampa, Campus Bagé, had the initial proposal expanded with the provision of digital versions of other collections and the creation of the Tatu Digital Repository. Accordingly, the virtual aims to inventory search sources related to History and History of Education and compose a digital asset accessible for others researches internal and external to instances of the Federal University of Pampa. In this logic, it is understood that this action of democratization of documentary sources beyond the walls of the university, configures itself as a new alternative and a possibility to disseminate information and promote knowledge as a way that enables research and extension practices and teaching for the area of History and History of Education.

Keywords: Digital Repository. Documentary Collection. History of Education.

Introdução

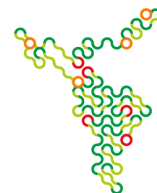
Este trabalho se insere na perspectiva de que, com o passar do tempo, e com o avanço das tecnologias digitais, o ofício do historiador tem sofrido algumas mudanças, principalmente, no que se refere ao acesso às fontes documentais, objetos das pesquisas, que na maioria das vezes, demanda por parte do pesquisador, ir ao seu encontro. Essa ocorrência também se alia ao fato que, para acessar os documentos, é preciso investigar sobre as políticas de guarda dos acervos, que na sua maior parte, são espaços físicos, e também, verificar a disponibilidade das obras.

Outro fator importante, encontra-se com relação a preservação dos documentos históricos, que se deterioram com o passar do tempo, devido às mudanças climáticas e/ou a má conservação, uma vez que são feitos de materiais com tempo de duração previamente estipulados. Todos esses fatores colaboram para que o acesso aos documentos históricos seja cada vez mais dificultoso e repleto de burocratização.

Tendo dito isso, os debates a respeito do acesso às fontes documentais começam a ganhar forma, sobretudo, com as discussões sobre a relevância do trabalho com Repositórios Digitais e Temáticos. É em meio a esse cenário, de avanço tecnológico, novas formas de pensar a preservação de documentos e de realizar pesquisas históricas, que surge o Repositório Digital Tatu (RDT ou Tatu)⁴, preocupado em ser um ambiente propício para a realização de pesquisas, além de ser de fácil acesso e contribuir para a preservação da História e da História da Educação com a disponibilização *on-line* de documentos históricos.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar as soluções técnicas e os caminhos metodológicos percorridos para a construção do RDT, como ele atualmente está organizado e quais

⁴ Disponível em <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/> Acesso em 04 de set. de 2021.



materiais abriga. Por fim, busca-se propor uma reflexão sobre a importância deste ambiente virtual para a preservação da História e da pesquisa em História da Educação.

Do ponto de vista teórico, são mobilizados os conceitos sobre os Repositórios digitais e temáticos, entendendo-os como uma união de arquivos digitais para disponibilização digital (WEITZEL, 2005), sobre as fontes históricas que se veem obrigadas a ampliar suas concepções, passando a considerar a era digital como espaço promotor de história e eventos (ANDRADE, 2017), e da Tecnologia da Informação, uma vez que essa união tríade, articulada, sustenta as bases do RDT.

Soluções técnicas e os Caminhos metodológicos do RDT

Inicialmente, vale dizer que o Repositório Digital Tatu é fruto dos esforços do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos, da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé (PHERA-UNIPAMPA). O projeto intitulado “Repositório Digital Tatu – O Acervo de História da Educação da Unipampa”, surgiu no contexto do projeto de pesquisa “As Políticas Públicas de Formação de Professores em impressos pedagógicos: O caso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1978)”, que desde 2015 tem desenvolvido ações que permitiram a digitalização e disponibilização *online* de algumas edições da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Sendo assim, a partir de 2018, situado dentro de um projeto guarda-chuva de maior escopo, intitulado: “Educação, História e Políticas na região de abrangência da Universidade Federal do Pampa”, nasce a proposta de ampliar as obras disponibilizadas bem como torná-las mais acessíveis aos pesquisadores, não só da História e da História da Educação, mas a todos que possa interessar.

Assim, a vocação do PHERA se alia ao objetivo do Tatu, de inventariar fontes de pesquisa relacionadas à História da Educação, compondo um acervo digital acessível para outros pesquisadores que possuem interesse e pesquisas relacionadas à área, além de auxiliar na divulgação desses materiais que são disponibilizados no *site* do RDT.

O PHERA também pensa no processo de democratizar o acesso aos documentos históricos, com ferramentas tecnológicas que dispensam vasto conhecimento digital, sendo um ambiente intuitivo e de fácil navegação. Mediante isso, se defende o uso dos Repositórios Digitais como uma importante inovação para o campo e a pesquisa em História da Educação. Zucatto e Júnior (2014)



apontam que os Repositórios Digitais podem ser considerados como tal se seguirem as características elencadas abaixo:

Ser uma versão completa da obra e todos os materiais suplementares, incluindo uma cópia da licença, depositada com o material; Publicada com padrões tecnológicos aderentes a normas técnicas de preservação digital [...]; Mantido por uma instituição acadêmica, sociedade científica, organismo governamental, setor privado, ou outra organização estabelecida que pretenda promover o acesso, a distribuição, a interoperabilidade e o arquivamento em longo prazo (ZUCATTO e JÚNIOR, 2014, p. 4).

Já no que se refere à caracterização de fonte, se utiliza uma concepção mais alargada do conceito, pensando nas mudanças e evoluções que a mesma tem passado. Nas palavras de Andrade (2017):

Cambiando entre as formas impressas e virtuais, as fontes históricas se veem obrigadas a ampliar suas concepções, passando a considerar a era digital como espaço promotor de história e eventos. A memória passa a ser, assim, automatizada por softwares e hardwares que recodificam a própria noção de tempo. (ANDRADE, 2017. p. 272)

Outra discussão importante, que está no cerne da criação do Repositório Digital Tatu, são as contribuições da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) que vêm facilitando o acesso e o compartilhamento cada vez mais rápido de materiais digitais, além de o digital servir como um ambiente propício para o resguardo das fontes, já que um dos desafios na criação do Tatu era construir um Repositório funcional, que pudesse ser adaptado às novas demandas e reformulações que pudessem surgir conforme o RDT fosse se desenvolvendo.

É como alternativa possível que as TICs colaboram para o desenvolvimento do Tatu e com a pesquisa em História da Educação que vem passando por inúmeras alterações, especialmente, no modo *como* fazer pesquisa e a maneira de *acesso* às fontes. Nas palavras de Bonato *apud* Andrade (2004):

No campo de pesquisa em história da educação, [...] as facilidades e inovações tecnológicas que nos são oferecidas ampliam cada vez mais as nossas possibilidades de pesquisas no uso das fontes documentais, pois colocam ao alcance novos suportes e equipamentos capazes de registrar, armazenar, guardar e recuperar as informações, assim como instrumentos para coleta, organização e análise das mesmas, de forma substancial e cada vez mais diversificada. (BONATO, *apud* ANDRADE, 2004, p. 86).

Por outro lado, vale ainda dizer que, embora se aponte o digital como uma possível alternativa de acesso facilitado aos documentos históricos, não se dispensa o uso do livro físico, do contato ao

material palpável e do folhear do documento impresso. Destaca-se que são experiências diferentes e nenhuma delas é substituível. O digital surge, no entanto, como uma outra possibilidade.

Do ponto de vista técnico, o Tatu utiliza *softwares* e *hardwares* livres e gratuitos, o que permite caracterizá-lo como um conjunto de múltiplas soluções essencialmente gratuitas, passíveis de serem replicadas por outras instituições interessadas no projeto sem nenhum custo.

Dentre as soluções utilizadas destaca-se as seguintes: *Wodpress* (projeto de código aberto que permite a criação de *sites*), MySQL (sistema de gerenciamento de banco de dados), *3D FlipBook* (*plug in* que permite os materiais serem folheados no *site* tal qual os livros físicos), Google Drive (serviço de armazenamento de arquivos), Planilhas Google (armazenamento das informações básicas dos documentos publicados), Android *NoteBloc* (aplicativo utilizado para digitalização) e *LibreOffice* (aplicativo utilizado para a edição final dos documentos digitalizados).

Após o processo técnico de criação do ambiente digital, foi necessário pensar nos procedimentos metodológicos de manutenção e atualização constante do Tatu, considerando os documentos que seriam disponibilizados, dedicando atenção especial às fontes relacionadas à História e à História da Educação, materiais bases do Tatu.

Por isso, o trabalho que vem sendo realizado pelos integrantes do Repositório Digital Tatu, carinhosamente chamados de “Tatuzentos”, é desenvolvido coletivamente, isto é, como grupo, precisa-se que todas as etapas sejam desenvolvidas por quem ficou responsável pela execução, pois, assim, as atividades configuram-se como processo, onde todos realizam uma etapa do *produto final*⁵.

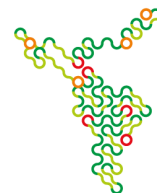
As atividades estão divididas da seguinte maneira:

FIGURA 1:



Fonte: Adaptada de Revista Tatu Magazine

⁵ Por produto final, entende-se o material publicado no *site*.



A primeira etapa desse processo, como mostra a figura, inicia pela *triagem* onde acontece a seleção sobre qual documento será escolhido para digitalização. É neste momento que os cuidados, como título, ano de publicação, quantidade de páginas, editora e tipo de acervo (se próprio ou material de doação) são considerados.

Dando continuidade, a segunda etapa é a *catalogação*. O acervo do Tatu conta, atualmente, com seis 6 categorias divididas em: cartilhas, livros, livretos, revistas, acervo iconográfico e coleções. Para uma melhor organização sobre quais documentos estão sendo tratados e informações básicas sobre eles, utiliza-se uma planilha com o “Google-Planilhas”, onde todos integrantes têm acesso, e à medida que vai sendo preenchida, gera uma “Ficha Catalográfica” (Figura 2), com as informações básicas do documento.

FIGURA 2

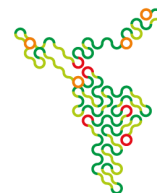


FICHA CATALOGRÁFICA	
IDENTIFICAÇÃO INTERNA:	L0127-1979-79
TÍTULO:	Educação e Mudança
AUTOR:	Paulo Freire
EDITORA:	Paz e Terra
DIMENSÕES:	AxL (CENTÍMETROS)
TIPO:	Livro
ACERVO:	Físico, Próprio
ÁREA:	Educação
ANO:	1979
PÁGINAS:	79
PALAVRAS-CHAVE:	educação, sociedade

GEEHN - Grupos de Estudos em Educação, História e Narrativas

Fonte: Imagem capturada no Google Planilhas usado para a catalogação das fontes com a ficha pronta

A terceira etapa é da *limpeza* do material, tão importante quanto qualquer outra, justamente porque um dos motivos da deterioração dos documentos é a demasiada exposição aos fatores climáticos, por exemplo. Por isso, são utilizadas luvas, máscaras (devido à poeira) e pincéis, para que



o material seja devidamente higienizado, ficando acondicionado em um saco plástico tipo *Zip Lock*⁶, junto a ficha catalográfica.

A quarta etapa é da *digitalização* com o aplicativo Notebloc⁷, que permite a edição da imagem fazendo os ajustes necessários. As imagens são compartilhadas no Drive do Tatu, para que os PDFs possam ser criados. Após, o documento volta ficar acondicionado no saco plástico com sua ficha catalográfica.

Já a quinta e última etapa é da *publicação*, que consiste na transformação das fotos em um arquivo PDF, com o auxílio do editor LibreOffice, que permite fazer os ajustes necessários, página a página do documento, além de proporcionar uma leitura de qualidade dos futuros livros, livretos, revistas e cartilhas.

Como dito, todo o trabalho realizado é desenvolvido coletivamente e, atualmente, o Tatu conta com quatro bolsistas que trabalham diretamente com as atividades do *site*. Duas das bolsistas são da Licenciatura em Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa, e duas da Licenciatura em Letras – Línguas adicionais Inglês, Espanhol e respectivas Literaturas. Das quatro bolsas, duas são financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul (FAPERGS), sendo uma pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) e uma do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica e Inovação (PROBIT).

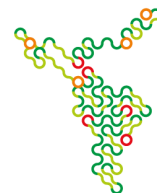
Já as duas bolsas são financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sendo uma pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e a outra pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI).

Por outro lado, destaca-se que, para além do trabalho técnico e metodológico desenvolvido pelas bolsistas do projeto, há, concomitantemente, o desenvolvimento de pesquisas, que resulta na participação em eventos acadêmicos. Assim, é possível unir o trabalho mais técnico com a iniciação científica propriamente dita, desenvolvendo as habilidades e a compreensão sobre *como* desenvolver pesquisas no campo da História da Educação. Com isso:

Não se trata meramente de uma habilidade técnica a ser adquirida [...] para Freire é, inerentemente, um projeto político no qual homens e mulheres afirmam seu direito e sua responsabilidade não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais,

⁶ Fechamento através de dois trilhos plásticos que possibilitam abrir e fechar a embalagem sem danificá-la.

⁷ Aplicativo disponível para sistema Android e IOS e com versão gratuita.



mas também de reconstruir sua relação com a sociedade mais ampla. (FREIRE & MACEDO, 1996. p 7)

É por meio do diálogo entre História, História da Educação e informática o caminho possível para a construção e consolidação de um Repositório Digital. Partindo da consciência que é um trabalho lento, requer estudos e conhecimento sobre qual caminho trilhar, Bonato *apud* Andrade (2004) vai dizer que isto é fruto de um processo gradual, “são atividades caras e lentas, que envolvem um trabalho meticuloso dos técnicos” (BONATO *apud* ANDRADE, 2004, p. 90). É a partir desse exercício de coleta de fontes, que a preservação acontece, é no ir até elas, visitá-las e revisita-las, a fim de preservá-las. Sempre lembrando que a História não está pronta, ela está por fazer-se (IVASHITA, 2004).

Logo, mais uma justificativa sobre a importância de Repositórios Digitais e do RDT. Nunca esquecendo que é no acesso às fontes, que as respostas motivadas por perguntas, às vezes internas e individuais, surgem. Assim, não havendo fonte preservada e de fácil acesso, as possibilidades de encontrar as respostas são menores.

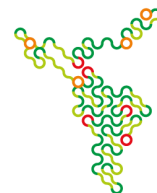
Outrossim, é importante dizer que o Repositório Digital Tatu é constantemente atualizado, seja com os documentos históricos, seja em mudanças quanto ao *layout*, incluindo e modificando abas, entendendo que essas mudanças são essenciais conforme o *site* vai se expandindo. É um processo contínuo e que demanda um trabalho meticuloso, por isso a importância do trabalho e grupo.

Algumas considerações

Mediante o que foi dito conclui-se, portanto, que o Repositório Digital Tatu, cumpre com o objetivo a que se destinou: o de preservar fontes documentais. Além de se inserir como uma ferramenta tecnológica que auxilia no desenvolvimento de pesquisas e na propagação de documentos importantes que muitas vezes nem são mais reeditados.

Ainda, infere-se a importância da proposta inovadora que o RDT adota, relacionado áreas próximas e não tão próximas, como a História, a História da Educação e a tecnologia, unindo-as para alcançarem o mesmo objetivo, que é o compartilhamento de documentos históricos.

O Tatu ainda consegue reunir pesquisadores de diferentes áreas, como da História, da Letras - Português, da Língua Adicionais, da Comunicação e da Tecnologia da Informação, constituindo-se



como um espaço plural, além de comprovar que o ofício do historiador, além de estar em constante transformação, está cada vez mais vinculado ao uso da tecnologia para suas investigações.

Finalmente, e não menos importante, por meio do Tatu outros Repositórios Digitais tem sido criados, e os diálogos com os membros do PHERA tem se estabelecido. Isso só contribui com a iniciativa de criar um ambiente que facilmente pudesse ser replicado com outros grupos de pesquisa que também desejam armazenar digitalmente seus materiais.

Com isso, além de o Tatu constantemente alcançar seu objetivo de preservação histórica, contribui para que novos espaços digitais sejam criados e novas pesquisas sejam realizadas, uma vez que muitos são os *feedbacks*, especialmente, em eventos acadêmicos onde o Tatu é apresentado por uma das bolsistas, sobre os materiais do *site* que são utilizados como objetos das pesquisas.

Referências

ANDRADE, Vivian Galdino. **A experiência de criação de um repositório digital como fonte de pesquisa para história da educação de Bananeiras**. Revista de História e Historiografia da Educação, v. 1, n.2, p.266-284, 2017

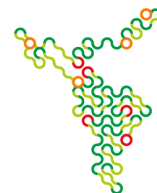
FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. - Editora Paz e Terra, 1996.

GERVASIO, Simôni Costa. Monteiro; RODRIGUES, Tobias de Medeiros; BICA, Alessandro Carvalho; **Do papel ao digital: a experiência com acervos por meio do Repositório Digital Tatu**. In: História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita, 1... São Leopoldo, 2018, Anais... São Leopoldo: Não consta, 2018, v. 1 p. 226-239

IVASHITA, Simone Burioli. **Fontes para a história da educação: a importância dos arquivos**. In: Reunião Científica Regional da ANPED, 10, 2014, Florianópolis-SC. Anais da X ANPED Sul. Florianópolis, 2014. p.1-18.

Revista Tatu Magazine. Disponível em
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/21/tatu-magazine/> Acesso em 06 de ago. de 2021

WEITZEL, Simone da Rocha. **O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica**. Em Questão. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 51-71, jan./jun. 2006



O NACIONALISMO MUSICAL PRESENTE NA ESCOLA MUSICAL DE BAGÉ/RS (1921-1927)

Luís Borges dos Santos Júnior¹
Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica²

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo identificar a presença da corrente de composição musical nacionalista brasileira na Escola Musical de Bagé - RS, através da relação de composições brasileiras presentes nos programas de concertos e audições de 1921 a 1927. Essa Escola é que deu origem ao Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé – RS. O início do século XX é um período na música erudita brasileira em que se manifesta a identidade nacional de forma mais intensa. Nessa mesma década, em 1922, ocorreu o evento de grande significado na cultura nacionalista, a Semana de Arte Moderna em 1922. A investigação documental proposta vai desde a inauguração da Escola, fato relevante no estado por fazer parte de um projeto do Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul de criação de conservatórios em cidades no interior do RS, até o ano em que a Escola foi municipalizada. As aulas foram inicialmente de piano, teoria e solfejo, posteriormente sendo acrescido com o ensino de violino. Apesar da predominância de repertório europeu, no resultado da pesquisa, encontramos desde a primeira audição a presença de composições brasileiras, mesmo com variáveis dentro da temporalidade pesquisada, encontramos em todos os anos composições nacionalistas.

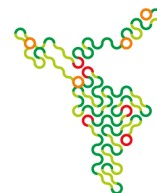
Palavras-chave: Nacionalismo musical. Música brasileira. Instituição educativa. Cultura

MUSICAL NATIONALISM PRESENT AT THE MUSICAL SCHOOL OF BAGÉ/RS (1921-1927)

Abstract: The present work aimed to identify the presence of the current of Brazilian nationalist musical composition in the *Escola Musical de Bagé - RS*, through the list of Brazilian compositions present in concert and audition programs, from 1921 to 1927. This School resulted in the creation of *Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé - RS*. The beginning of the 20th Century, is a period in Brazilian classical music in which national identity is more intensely expressed. In that same decade, in 1922, an event of great significance in nationalist culture took place, The Week of Modern Art in 1922. The proposed desk research ranges from the creation of the School, a relevant fact in the state of *Rio Grande do Sul* as it was part of a project of *Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul* which consisted of creation of conservatories in inland cities of the state, to the year the school was municipalized. The classes were initially of piano, theory and solfeggio, later being added with the teaching of violin. Despite the predominance of European repertoire; in the research results, we found the presence of Brazilian compositions from the first hearing, even with variables within the researched temporality, we found nationalist compositions in every year. **Key words:** Musical nationalism. Brazilian music. Educational institution. Culture.

¹Unipampa, Universidade Federal do Pampa, Bagé/RS, Brasil.

²Unipampa, Universidade Federal do Pampa, Bagé/RS, Brasil.



Introdução

Neste ano em que realizamos o presente trabalho, a Escola Musical de Bagé, primeira denominação da instituição que atualmente é o Instituto Municipal de Belas Artes – Prof^a. Rita Jobim Vasconcelos (IMBA), completa cem anos de existência e continua sendo uma instituição de alto valor real e simbólico para a sociedade bajeense. Como objeto de investigação deste trabalho foi escolhido o repertório musical apresentado ao público, o que consta nos programas das audições, concursos e dos concertos musicais promovidos pela Escola Musical de Bagé entre 1921 e 1927.

Pouco foi investigado sobre a instituição e pouco também foi pesquisado sobre o repertório de modo geral, segundo Nogueira (2007, p. 434), “o estudo dos programas de concerto constitui hoje uma vertente importante da pesquisa musicológica, [...] que pode servir como base para a pesquisa histórica e musicológica e que não foi, até o momento, documentado em nível local, regional ou nacional”. O repertório é um dos meios pelo qual podemos entender de certa forma o contexto do que era executado nesse período da história do IMBA. Além de ser parte do currículo, o repertório mostra tanto o desenvolvimento musical do aluno quanto a orientação musical e pedagógica que seguiam, apresentando, por meio dos eventos musicais, a própria instituição junto à comunidade.

Com a intenção de conhecer esse tema em relação a instituição em evidência, definimos como objetivo deste trabalho identificar a presença da corrente de composição musical nacionalista brasileira na Escola Musical de Bagé - RS, através da relação de composições brasileiras presentes nos programas de 1921 a 1927. Justifica-se por existirem poucos trabalhos acadêmicos sobre o tema e também pela lacuna de informações sobre a referida instituição. A definição da temporalidade está estabelecida pelo ano de inauguração da instituição, em 1921, e o ano da municipalização, em 1927.

Metodologia

Para desenvolver este trabalho, adotamos a pesquisa documental, que, na definição de Lakatos e Marconi (1995, p. 174), é a pesquisa na qual “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Neste caso, é o acervo dos programas musicais do Instituto Municipal de Belas Artes no Arquivo Municipal de

Bagé. Está estabelecida na abordagem qualitativa, considerando que não estamos visando uma representação numérica da realidade estudada e sim do entendimento de uma situação social em sua dimensão subjetiva. O uso de porcentagens e outras análises numéricas usadas nesse trabalho



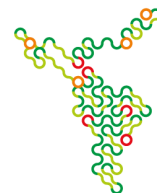
não comprometem seu caráter qualitativo na medida em que “[...] a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a “descrição densa” dos fenômenos estudados [...]” (GOLDENBERG, 2004, p. 50).

A coleta de dados foi realizada no Arquivo Municipal de Bagé, com os programas sendo digitalizados e depois categorizados, colocados em pastas por ano, de 1921 a 1926, pois no ano 1927 foi municipalizado antes que houvesse alguma apresentação musical. Também foi possível observar que faltavam programas no acervo, e isso influenciaria a leitura exata dos resultados. Realizamos a transcrição para o programa Excel onde colocamos data, local, o nome do compositor e a obra executada. A seguir procuramos identificar a nacionalidade dos compositores e o nome completo. Para realizar essa tarefa, utilizamos como base os sites *International Music Library Score Project* (IMLSP) e *Petrucci Music Library*, com confirmação no *Wikipedia*, *Werner Icking Music Archiv* e *Mutopia Projec*. Em referência à historiografia da Música, recorreremos aos autores Mariz (1983), Neves (1977), Krieger (1982), Ortolan (2011) e Carpeaux (2001), utilizando seus trabalhos como ponto de apoio para a classificação cronológica do repertório. Para o trabalho de análise e interpretação dos dados que conseguimos obter, foi visto a necessidade do uso de quadros, tabelas e gráficos para apresentar e representar os resultados, e com isso, poderemos ter uma melhor percepção do resultado apresentado.

Para o nosso propósito, utilizamos como referencial teórico para compreender o conceito de nacionalismo musical no Brasil da primeira metade do século XX, a formação da identidade nacional, os trabalhos de Travassos (2003) e Pereira (2007, 2013). Outro trabalho que nos serviu de referência teórica e principalmente metodológica foi a tese de doutorado de Isabel Nogueira (2003), *El pianismo en la ciudad de Pelotas, de 1918 a 1968*.

Contexto do surgimento da Escola

A Escola Musical de Bagé surgiu em 1921, teve origem em um projeto civilizatório republicano de criação de conservatórios de música no interior do Rio Grande do Sul, capitaneado por Guilherme Fontainha e José Corsi. Embora esse projeto esteja em conexão com o Partido Republicano Rio-grandense (PRR), Simon (2003) não considera literalmente ligado a partidarismo, coloca a hipótese de uma motivação de adesão por ideal da arte. Inicialmente idealizado para atingir



todo o estado com aberturas de instituições de ensino de música, devido às dificuldades encontradas, esse fato terminou não se concretizando.

Fontainha teve formação musical no Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro, depois foi para a Europa e estudou na Alemanha e na França. Foi professor e diretor do Conservatório de Música de Porto Alegre. José Corsi, nascido na Itália, formou-se no Instituto de Belas Artes do Velho Mundo, veio para o Brasil em tourné com uma companhia húngara e fixou residência em Alegrete e depois Porto Alegre, onde fundou o Instituto Musical Porto Alegre, também foi diretor do Centro Musical Porto-Alegrense. O propósito de Fontainha e Corsi foi alcançado através da criação do Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul, e contou com o apoio político e administrativo de Borges de Medeiros (presidente do Estado) e Tupy Silveira (Intendente de Bagé), ambos do PRR. O projeto foi realizado em várias cidades, e Bagé foi uma privilegiada por estar entre as primeiras a inaugurar a instituição musical (CALDAS, 1992; NOGUEIRA; GOLDBERG, 2011; SILVA, 2019).

Resultados

Para apresentarmos os resultados, definimos utilizar uma figura com percentual de participação das nacionalidades e tabelas para expor os dados que nos mostram as participações de nacionalidades que foram mais interpretadas, com número de composições apresentadas, a participação de música brasileira dentro do repertório geral e os compositores brasileiros que tiveram mais obras executadas nesses eventos musicais da instituição.

Quanto ao formato dos programas dos eventos e o que continham, estes traziam informações sobre o horário, dia do mês, dia da semana e local do evento na capa. Na contracapa por vezes aparecia um símbolo com uma Lira ao centro ou indicação para enviar como convite. Já no meio do programa constavam o nome da intérprete, o nome da composição e do compositor. Os eventos geralmente estavam divididos em duas partes: a primeira audição de alunas ocorreu em 29 de agosto de 1921 com interpretação de treze músicas na primeira parte e oito na segunda parte.

Na figura abaixo, apresentamos as principais nacionalidades interpretadas com sua participação em percentual do repertório.

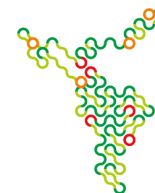
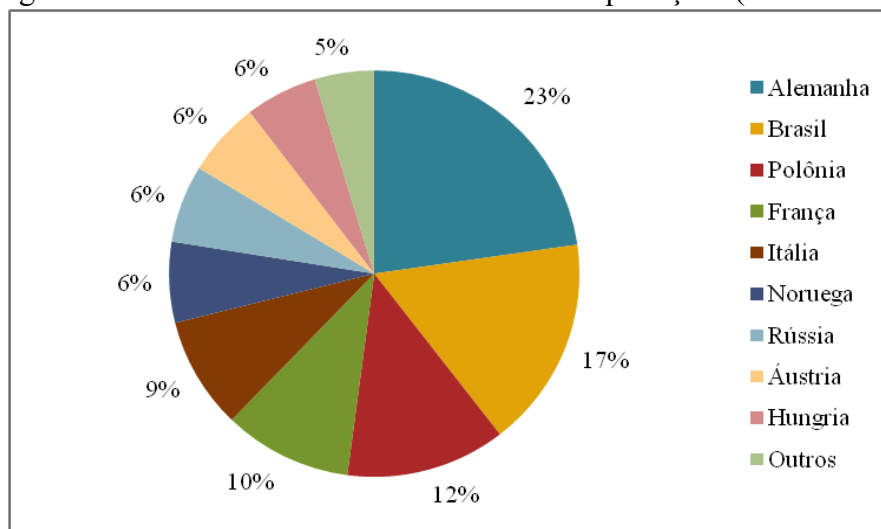


Figura 1 – Nacionalidades com mais de 20 interpretações (1921-1927)



Fonte: autores (2021)

De um total de 415 interpretações, não foi possível identificar os compositores de 10, o país que teve maior presença foi a Alemanha, com o percentual de 23% e teve como seu maior representante Jakob Ludwig Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847) com 19 execuções. A segunda nacionalidade com mais participação é o Brasil com 17%, a Polônia aparece na terceira posição mais executada com 12%, tendo sido Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849) o compositor mais executado de todos autores, com 30 obras interpretadas. A francesa Cécile Louise Stéphanie Chaminade (1857-1944) foi a única compositora que apareceu no repertório de todos os anos pesquisados, o predomínio dos compositores era absoluto. Na figura acima temos representação das nacionalidades que tiveram acima de 20 execuções musicais na temporalidade pesquisada. Outras nacionalidades que aparecem são os suíços, os portugueses, os tchecos e outras, porém com poucas composições que somam no total 19 interpretações. Complementando, mostraremos a seguir a presença dos países com o número de composições.

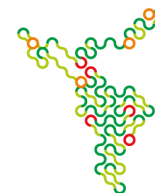


Tabela 1 – Participação por nacionalidades (1921-1927)

PAÍS	COMPOSIÇÕES
ALEMANHA	92
BRASIL	68
POLÔNIA	51
FRANÇA	41
ITÁLIA	36
NORUEGA	26
RÚSSIA	25
ÁUSTRIA	24
HUNGRIA	23

Fonte: autores (2021)

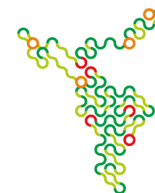
A presença da Alemanha com 92 execuções, demonstra o predomínio que ocorria desse repertório, levando em conta a forte influência dessa nacionalidade na educação musical e outros fatores, como professores brasileiros que estudaram na Europa e trouxeram influência desse país. O Brasil, com 68 interpretações, fica bem colocado no segundo mais executado, visto que o Conservatório tem origem na Europa e seguíamos os costumes e a cultura europeia estabelecida aqui. A Polônia surpreende aparecendo com execuções acima da França e da Itália.

Na tabela abaixo temos os números da presença de compositores brasileiros no repertório dos eventos, o que reflete do ensino da Escola Musical de Bagé.

Tabela 2 – Total de composições e participação brasileira

ANO	TOTAL	BRASILEIROS
1921	34	7
1922	71	11
1923	71	12
1924	72	6
1925	72	19
1926	95	14

Fonte: autores (2021)



De forma geral a música brasileira está participando do repertório dos eventos, em alguns momentos com maior ou menor presença. No primeiro ano de existência da Escola Musical já temos uma interessante presença, foram 7 músicas do total de 34, representando por volta de 20% do repertório apresentado ao público. Em 1925 também temos um percentual considerável da participação da música brasileira, parecido com 1921. O ano de 1924 é o que menos tem presença da música brasileira, os demais anos mantêm uma média estável.

Seguimos, apresentando os compositores brasileiros que tiveram mais músicas interpretadas.

Tabela 3 – Compositores brasileiros mais executados

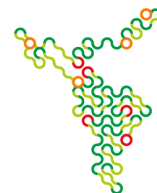
COMPOSITORES	Nº DE PEÇAS
HENRIQUE OSWALD (1852-1931)	15
LEOPOLDO MIGUÉZ (1850-1902)	13
JOAQUIM A. BARROZO NETTO (1881-1941)	9
JOÃO OCTAVIANO GONÇALVES (1892-1962)	8
ALBERTO NEPOMUCENO (1864-1920)	8
JOÃO NUNES (1877-1951)	7
JOSÉ DE ARAÚJO VIANA (1871-1916)	5

Fonte: autores (2021)

O primeiro que consta nessa lista é Henrique Oswald, com 15 peças interpretadas, em seguida aparece Miguéz, com 13. Os outros compositores aparecem com menos de 10 interpretações, e os autores que tiveram menos de 5 peças, que são Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Oscar Lorenzo Fernandez (1897-1948), deixamos de fora nesse demonstrativo.

Discussão

A primeira questão levantada é a realização de um comparativo com a pesquisa de Silva (2019) que também foi realizada sobre o repertório da Escola Musical, que constavam nas reportagens do jornal O DEVER (de Bagé) sobre as apresentações musicais da Escola. O autor nos traz dados parecidos em relação a ordem das nacionalidades mais executadas, a diferença maior ocorre na identificação da terceira nacionalidade mais executada, que neste trabalho temos os “poloneses” e no



trabalho de Silva(2019) identificou os “franceses”. Na participação de brasileiros a análise dele é bem próxima da que obtivemos, 19% em sua tese, e a nossa 17%. Obtivemos nossos dados diretamente dos programas, Silva (2019) utilizou os dados das reportagens que estavam no jornal. Além dessa diferença, também existe a possibilidade de faltar algum dado dos programas nas reportagens, bem como da nossa pesquisa também notamos que faltavam alguns programas das sequências das audições.

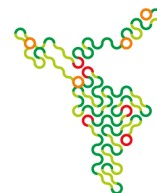
Quanto ao repertório apresentado nesses eventos, existe o repertório que era estudado no currículo das aulas e aquele que era apresentado ao público. Não encontramos o Regulamento da Escola, mas no Regulamento de 1929, ficava a diretriz pedagógica e a professora indicando o repertório a ser estudado nas aulas, e a diretora escolhia a peça que iria ser apresentada ao público.

Outro fator que pode influir no acesso a partituras de compositores que fossem de interesse, era sobre se existia interesse da indústria e do comércio sobre certos compositores. Dessa forma, segundo Nogueira (2011), é possível que essa situação de partituras impressas disponíveis tivessem influência sobre o repertório adotado.

Os métodos para estudo de instrumentos também poderiam ter uma relação direta com a escolha do repertório. O próprio método poderia indicar o repertório de acordo com o progresso do aluno, por exemplo, o método Rose, de Ernst Van de Velde (1862-1951), que começou a ser usado a partir da direção de Rita Vasconcellos em 1926. Consideramos também a influência do Conservatório de Porto Alegre, ao qual estava ligada a Escola Musical, em relação a diretriz pedagógica que era adotada.

Nesse período podemos ver que as três diretoras estavam alinhadas ao projeto de educação musical orientado por Fontainha e Corsi, pois Vicentina Ferreira e Jandyra Nunes Pereira foram indicadas pelo Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul, e Rita Vasconcellos estudou os últimos dois anos do curso no Conservatório de Porto Alegre, sob a direção de Fontainha.

O início do século XX foi um período na música erudita brasileira em que se manifestou a identidade nacional de forma mais intensa. Em 1922 ocorreu o evento de grande significado na cultura nacionalista, a Semana de Arte Moderna, o modernismo procurava aproximar a cultura popular e a erudita. Na música, o expoente que se consagrou nesse evento foi o compositor Heitor Villa Lobos. Em relação a este evento de 1922 ter influenciado o repertório da Escola Musical, isso parece não ter



ocorrido, pois só encontramos uma peça de Villa-Lobos no ano de 1925, considerando os eventos que ocorreram de 1921 a 1926.

Considerações Finais

A presente pesquisa trouxe a nosso conhecimento o que foi executado na instituição de forma geral e com a documentação disponível. Esse repertório também fazia parte do currículo adotado, e embora não tenha sido possível ter todos os programas que foram realizados, permaneceu um número suficiente para termos uma percepção da presença de compositores brasileiros. De acordo com Mariz (1983), Ortolan (2011) e Neves (1977), estes compositores brasileiros que aparecem no repertório da instituição, faziam parte da renovação musical brasileira e do momento de solidificar a identidade da música brasileira.

Referências

- AZEVEDO, Luiz Heitor Correia de. **150 anos de música no Brasil: 1800-1950**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1956.
- CALDAS, Pedro Henrique. **História do Conservatório de Música de Pelotas**. Pelotas: Edições Semeador, 1992.
- CARPEAUX, Otto Maria. **O livro de ouro da história da música: da idade média ao Século XX**. Rio de Janeiro: Ediouro S.A. 2001.
- CIPRIANO, Luis Alberto Garcia. **Mário de Andrade e o conceito de nacionalismo na música**. Dissertação (Mestrado em Música). São Paulo: Universidade de São Paulo. 2011
- CORTE REAL, Antônio Tavares. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/IEL, 1980.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 Ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2004.
- KIEFER, Bruno. **História da música brasileira**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1982.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martin Fontes, 1995.
- LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé: relatos de sua história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.



NEVES, José Maria das. **Música contemporânea brasileira**. São Paulo: Ricordi Brasileira S.A. 1977.

NOGUEIRA, Isabel Porto. **El pianismo en la ciudad de Pelotas (RS, Brasil) de 1918 a 1968**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/UFPel, 2003.

NOGUEIRA, Isabel Porto; FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi; CARDOSO, Alex Vaz; GOLDBERG, L. G. D. O ensino musical no RS da Primeira República: o Rio Grande dos Conservatórios. *In*: NOGUEIRA, Isabel Porto; MICHELON, Francisca Ferreira; SILVEIRA JÚNIOR, Yimi P. W. (org.). **Música, memória e sociedade ao sul: retrospectiva do Grupo de Pesquisa em Musicologia da UFPel (2001-2011)**. Pelotas: Editora da UFPel, p. 59-72, 2011.

NOGUEIRA, Isabel Porto; YIMI Walter Premazzi Silveira Junior. Acervos de programas de concerto: fontes para a pesquisa musicológica. *In*: NOGUEIRA, Isabel Porto; MICHELON, Francisca Ferreira; SILVEIRA JÚNIOR, Yimi P. W. (org.). **Música, memória e sociedade ao sul: retrospectiva do Grupo de Pesquisa em Musicologia da UFPel (2001-2011)**. Pelotas: Editora da UFPel, p. 155-169, 2011.

ORTOLAN, Edson Tadeu. **História da música ocidental**. 2011. Disponível em <http://www.movimento.com/author/edson-ortolan/>. Acesso em: 22 mai. 2019.

PEREIRA, Avelino Romero. **Uma República Musical: música, política e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista (1882-1899)**. Natal: Associação Nacional de Professores Universitários de História, Simpósio Nacional de História, 27, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364696506_ARQUIVO_UmaRepublicaMusica-l-AvelinoRomero.pdf Acesso em: 18 jul. 2020.

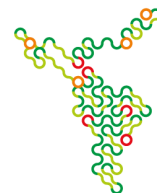
PEREIRA, Avelino R. **Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SILVA, Janaina Giroto. **O Florão mais belo do Brasil: O Imperial Conservatório do Rio de Janeiro 1841-1865**. 2007. 248 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de filosofia e Ciências Sociais, Universidade federal do Rio de Janeiro, 2007.

SILVA. Rafael Rodrigues da. **Ensino de música em conservatórios de Bagé – Rio Grande do Sul (1904-1927): uma sociologia dos processos músico-pedagógicos da Primeira República**. 2019. 340 f. Tese (Doutorado em Música). Porto Alegre: Universidade federal do Rio Grande do Sul. 2019

SIMON, Círio. **A origem do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de artes visuais do Rio Grande do Sul**. 2003. 661 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História, 2003.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Modernismo e música brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2003.



OS CONGRESSOS BRASILEIROS DE PEDAGOGIA ESPÍRITA E SUA INVISIBILIDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (2004-2014)

Livia Maria de Carvalho¹
Paula Leonardi²

Resumo: Esta pesquisa pretende historicizar os cinco Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita realizados no estado de São Paulo (2004-2014) procurando compreender a gênese do termo “pedagogia espírita” e como e por que esses congressos são invisibilizados na História da Educação. Nossa hipótese é de que os congressos buscavam legitimar uma teoria e uma prática educativas no campo científico baseadas em uma doutrina religiosa. A ausência do termo central desta pesquisa em três revistas de excelência no âmbito da História e da Historiografia da Educação e de apenas treze ocorrências em teses e dissertações da área, sendo a primeira em 2001 e a última em 2017, podem indicar que o esforço de legitimação da “pedagogia espírita” como uma linha ou uma área da pesquisa em Educação não obteve sucesso. Tomando como fonte principal os Anais dos Congressos, no âmbito de uma pesquisa de mestrado, intentamos responder as seguintes questões: Qual a gênese do termo “pedagogia espírita”? Como e por que tais congressos foram idealizados por Dora Incontri? Quem eram os conferencistas e qual o conteúdo das conferências do Congresso? Quais livros eram divulgados nesses eventos? O trabalho apoia-se no conceito de “campo científico” de Pierre Bourdieu entendendo-o como representação de um espaço simbólico e de polos em disputa. Utiliza técnicas bibliométricas para identificar temáticas gerais e a filiação dos conferencistas, além de entrevistas com a idealizadora.

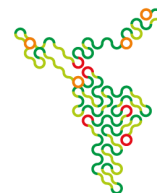
Palavras-chave: Pedagogia Espírita. Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita (SP). História da Educação.

The Brazilian Congresses of Spiritist Pedagogy and its Invisibility in the History of Education (2004-2014)

Astract: This research aims to historicize the five Brazilian Congresses of Spiritist Pedagogy held in the state of São Paulo (2004-2014) seeking to understand the genesis of the term "spiritist pedagogy" and how and why these congresses are invisible in the History of Education. Our hypothesis is that the congresses sought to legitimize an educational theory and practice in the scientific field based on a religious doctrine. The absence of the central term of this research in three journals of excellence in the field of History and Historiography of Education and only nine occurrences in theses and dissertations in the area, the first in 2001 and the last in 2017, may indicate that the effort to legitimize "spiritist pedagogy" as a line or area of research in Education was unsuccessful. Taking as main source the Proceedings of congresses, in the context of a master's research, we try to answer the following questions: What is the genesis of the term "spiritist pedagogy"? How and why were such congresses conceived by Dora Incontri? Who were the speakers and what was the content of the

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

² Profª Dra. na Faculdade de Educação da UERJ, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, Brasil.



congress conferences? What books were published at these events? The work is based on the concept of "scientific field" of Pierre Bourdieu understanding it as a representation of a symbolic space and poles in dispute. It uses bibliometric techniques to identify general themes and the affiliation of the lecturers, as well as interviews with the creator.

Keywords: Spiritist Pedagogy. Brazilian Congresses of Spiritist Pedagogy (SP). History of Education.

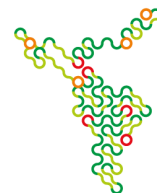
Pedagogia Espírita: História e memória de uma ideia

O objetivo desse trabalho é construir uma história dos cinco Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita e dos dois Congressos Internacionais de Educação e Espiritualidade realizados no estado de São Paulo entre 2004 e 2014, analisando como esses eventos foram pensados e organizados, quais as pessoas que deles participaram, quais as temáticas e os livros lançados, quem eram as figuras de maior destaque convidadas a proferir palestras. Deste modo, procuraremos compreender como e por que esses congressos terminaram e porque não aparecem em nenhuma pesquisa no campo da Educação. Nossa hipótese é que, sendo os congressos uma tentativa de legitimação de uma área ou linha de pesquisa calcada em uma corrente pedagógica que se vincula a uma religião, a Pedagogia Espírita encontrou dificuldade para se legitimar no campo científico. Assim, tentamos identificar as tensões entre o campo religioso e o campo científico.

O conceito de campo está ancorado em Bourdieu (2017, p. 65) que o define como um lugar organizado com posições dispostas por diferentes agentes, um espaço de lutas cujo objetivo é a ocupação desse lugar. A posição de um agente no campo define-se pelas dos demais em disputa.

O termo Pedagogia Espírita aparece pela primeira vez na revista Educação Espírita - Revista de Educação e Pedagogia, dirigida por José Herculano Pires e administrada por Frederico Giannini Júnior, lançada pela Edicel (Editora Cultural Espírita) em dezembro de 1970. Outros cinco números da revista circularam até 1974. Em maio de 1985 foi lançado, postumamente, o livro "Pedagogia Espírita" que reuniu vários trabalhos publicados na revista Educação Espírita.

O termo "Pedagogia Espírita" cunhado por Herculano Pires em 1970 e apresentado através de uma tese aprovada pelo III Congresso Educacional Espírita Paulista, realizado em São Paulo. Pires é frequentemente apresentado como filósofo, educador, jornalista, escritor, parapsicólogo, romancista, poeta, tradutor de Kardec, cronista parlamentar e crítico literário. Paulista, nascido em 25 de setembro de 1914 na cidade de Avaré e autor de 81 livros de filosofia, de ensaios, de histórias, de psicologia, de pedagogia, de parapsicologia, de romance, sendo a maioria inteiramente dedicada ao estudo e

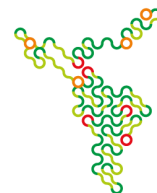


divulgação da Doutrina Espírita. Em dezembro de 1970, mesmo ano de aparição do termo “Pedagogia Espírita” em sua tese “Para uma Pedagogia Espírita”, criou a primeira revista “Educação Espírita” - da qual se tornou diretor fundador - publicada pela Edicel, que foi lançada em 03 de janeiro de 1971 no auditório da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Para o autor, a educação sob a perspectiva espírita abrange dois aspectos fundamentais, sendo um deles “o processo de desenvolvimento das potencialidades do ser na existência, com vistas ao seu destino transcendente” enquanto o outro diz respeito à “integração das novas gerações na sociedade” (Pires, 2008, p. 181). Dora Incontri deu continuidade aos estudos e divulgação da ideia ao elaborar sua tese de doutorado intitulada “Pedagogia Espírita – um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas”, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP em 2001. Ela foi a principal organizadora dos congressos que se realizaram ao longo de cinco anos.

Entretanto, no que diz respeito à revisão bibliográfica em três revistas importantes de História da Educação – Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), Revista História da Educação (RHE) e Cadernos de História da Educação (CHE), não foram encontrados resultados com o termo “Pedagogia Espírita”. Ampliando a revisão, também não houve sucesso na busca na Revista Brasileira de Educação (RBE) assim como na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP). A ausência do termo central da pesquisa (Pedagogia Espírita) em cinco revistas de excelência remete-nos a Le Goff (1990, p. 426) quando afirma que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que períodos mais recentes de nossa história são menos focalizados nas investigações da área da História da Educação. Esquecimento, seleção e silêncio impelem-nos a perguntar “por quê?”. Por que um tema que já redundou em cinco congressos nacionais, sendo dois deles simultâneos a congressos internacionais, não constam em revistas de circulação nos meios acadêmicos? Esquecimentos, silêncios e silenciamentos contribuem na eliminação de um passado ou de desprezo a um grupo, uma ideia, uma corrente, uma identidade, por aqueles que julgam “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento” já que “é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (Le Goff, 1990, p. 426).

Nas bases de dados de teses e dissertações foram encontrados treze resultados ao buscar o termo: apenas três teses e um pós-doutorado, todas são pesquisas recentes, defendidas a partir do ano 2000. Já no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) encontrei



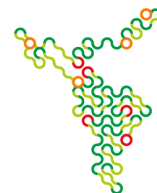
o termo “Pedagogia Espírita” em treze ocorrências, nove delas em Programas de História da Educação. As demais foram trabalhos defendidos em programas de pós-graduação em Teologia e Geografia. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) encontrei também cinco ocorrências, sendo que apenas uma delas não constava no banco da Capes.

Desse modo, entre os anos 2001 e 2018, encontramos um total de nove dissertações, três teses e uma pesquisa de pós-doutorado em Educação, duas dissertações em Teologia, uma em História e uma tese na Geografia; tendo como áreas de concentração Educação, Educação brasileira, História da Educação, Educação sócio-comunitária, História, Organização do espaço e Ciências da Religião, dentre as que pudemos observar. Dentre as treze ocorrências, nove foram de pesquisas realizadas em universidades públicas (cinco na esfera federal e quatro na estadual), enquanto quatro foram em instituições privadas (três católicas e uma luterana). Ou seja, dois terços das pesquisas foram realizadas em universidades públicas. Todos os trabalhos analisados afirmam que a Pedagogia Espírita se valeu dos pensamentos de Comenius, Rousseau e Pestalozzi, pensadores cristãos cujos princípios pedagógicos humanistas pertencem às bases fundamentais da Pedagogia Espírita. Logo se vê que não se trata de um tema bastante abordado ou “na moda”.

Para compreender e historicizar os congressos, a pesquisa pautou-se no seguinte questionário: Como os congressos começaram? Quem foram os idealizadores? Quais traços ideológicos carregavam? Como e por que o congresso ampliou sua abrangência? O congresso possuía comitê científico? Quais temas eram abordados? Qual o valor das inscrições? Quem eram os inscritos e os principais palestrantes?

Para responder a essas questões, foi adotada uma abordagem qualitativa que se utiliza de ferramentas quantitativas, por meio de pesquisa bibliográfica-documental, utilizando como fonte principal os anais dos congressos além de vídeos feitos na ocasião e os livros que foram lançados nesses eventos. Para o primeiro congresso não foram produzidos anais. Temos, assim, quatro volumes totalizando 725 (setecentos e vinte e cinco) páginas. A pesquisa também se apoia em entrevista realizada com Dora Incontri, a organizadora dos Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita, produzindo, assim, uma fonte para acessar as “histórias dentro da história” segundo Verena Alberti (2008 p. 155).

Ao longo do estudo com os anais, foram aplicados métodos bibliométricos, que se fundam na descrição e na quantificação de dados para análise dos anais dos congressos para, conforme Kobashi



& Santos (2008, p. 106), através da visualização gráfica e global de conjuntos de informações predefinidos, vislumbrar novas abordagens e, talvez, identificar processos de disseminação de determinado conhecimento, nesse caso específico, a Pedagogia Espírita.

Esta pesquisa visa a contribuir para o campo da História da Educação ao debater as relações entre religião, ciência e educação inscritas nesses congressos e nas disputas no campo da pedagogia.

Dora Incontri e a produção dos congressos

Com uma carreira acadêmica não ortodoxa, Incontri dirige um espaço chamado Universidade Livre Pampédia, onde ensina, pesquisa, discute, debate assuntos diversos de maneira plural e interdisciplinar.

O primeiro congresso não foi uma iniciativa minha, nem foi uma ideia minha. Agora, os outros todos foi uma insistência e uma teimosia minha; todos os outros, digamos assim... ninguém queria fazer, só eu. Até o último. Nossa! Porque é muito trabalho, é muito sacrificial e nem todo mundo acha que valha tanto a pena. As pessoas que participam da organização ficam muito sobrecarregadas, porque realmente é muito trabalho. A gente não tem uma estrutura, não é?! (INCONTRI, 2019)

Segundo Dora Incontri, o primeiro congresso foi idealizado pelo Dr. José Nilson, médico homeopata espírita e professor da Universidade Santa Cecília (Unisanta), de Santos. Ligado à reitoria dessa instituição, quis saber detalhes sobre um curso livre de Pedagogia Espírita ministrado por ela na Federação Espírita do Estado de São Paulo entre 1998 e 1999. Mais tarde, após a fundação da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita pela Dora, foi novamente procurada por esse professor que ofereceu que ela ministrasse o curso de Pedagogia Espírita na Universidade Santa Cecília como um curso de extensão universitária, livre. Após trabalhar dois anos nesse projeto que funcionava aos sábados, Dora defendeu a tese de doutorado de mesmo tema e se mudou para Bragança Paulista, o que dificultou a ida para Santos e fez com que o curso ficasse um ou dois anos suspenso. O Dr. José Nilson Nunes junto com alguns alunos que tinham feito essa extensão formaram o primeiro grupo que se aproximou da Pedagogia Espírita que se reuniu e a convidou para liderar um congresso de Pedagogia Espírita: “Aí eu entrei com paixão” (Incontri, 2019):

Nos congressos tive todos os papéis: organizadora, da comissão científica, palestrante. Eu que convidava porque a rede de pessoas convidadas sempre foi minha. Ia atrás de pessoas: muitas já conhecia, outras eu me apresentava, principalmente nos internacionais. E assim, as ideias. A gente tinha discussão para ideias, do que fazer, mas fui bastante protagonista. (INCONTRI, 2019)

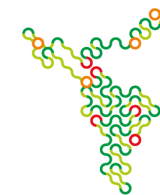


Sem experiência em congressos, o primeiro não teve anais nem comitê científico, mesmo tendo acontecido a apresentação de trabalhos e pôsteres. O coral de crianças do Educandário Pestalozzi de Franca apresentou-se nesta ocasião.

A partir do segundo congresso, Dora organizou, participou da comissão científica, realizou palestras e acessou sua rede para trazer convidados do Brasil e de outros países. Ela ampliou essa rede de sociabilidade internacionalmente. Fato é que o primeiro congresso, apesar das falhas, teve muito mais jeito de congresso científico do que qualquer outro existente no movimento espírita, que se resume a palestras de um ou mais expositores conhecidos que não são necessariamente especialistas no tema – exceção feita aos congressos médicos e jurídicos que são mais específicos – além de não receberem trabalhos para apresentação oral ou pôsteres.

Com duração de três a quatro dias, os Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita cobravam inscrições cujos valores variaram entre vinte e trezentos reais (o primeiro congresso e o último lote do último congresso, respectivamente). O maior público foi no primeiro com mil pessoas. Já o mais caro, o último congresso, com um custo que chegou a duzentos e oitenta mil reais contou – assim como o anterior – com cabine de tradução intérprete, fone de ouvido, iluminação, anais, publicação de livros e artigos, assessoria de imprensa foram justamente os Congressos internacionais nos quais os termos foram ampliados para Educação e Espiritualidade. Dentro da temática geral havia um eixo de Pedagogia Espírita.

Os Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita (2004-2014) aconteceram durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo Lula da Silva o presidente do Brasil nos anos de 2003 a 2010, seguido por Dilma Rousseff que governou de 2011 a 2016 quando sofreu o golpe parlamentar jurídico (*impeachment*), não completando seu mandato que iria até 2018. A distribuição de renda e a retomada do crescimento no governo Lula com a consequente melhoria das condições de vida podem ter servido de motivação para a realização do primeiro congresso, apesar do prejuízo financeiro que foi uma constante desde o primeiro até o último.

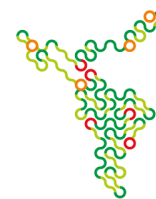


Quadro 1 – Os Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita e os Congressos Internacionais de Educação e Espiritualidade.

	Tema	Período	Nº de inscritos	Valor de inscrição	Local de realização	Homenagens	Livros lançados
1º	Ideias, Escolas e Projetos	10 a 12/06 2004	1.000	20,00	Universidade Santa Cecília, Santos/SP	200 anos de Allan Kardec	“Pedagogia Espírita: Um projeto brasileiro e suas raízes”, Dora Incontri (Editora Comenius)
2º	Diálogos, Verticalidade e Práxis	07 a 10/09 2006	600	100,00	Universidade Santa Cecília, Santos/SP	<i>Não houve registro de homenagem nesse congresso</i>	“Eurípedes Barsanulfo, um educador de vanguarda na primeira república”, Alessandro Cesar Bigheto; “Comenius, educação e o ciberespaço”, Luis Augusto Beraldi Colombo; “Ensaio pedagógico – Jean-Jacques Rousseau”, tradução de Priscila Grigoletto Nacarato (todos da Editora Comenius)
3º	Um projeto de inclusão integral: ensinar tudo a todos	07 a 09/11 2008	450	120,00	Teatro Paulo Autran - Uni Ítalo, São Paulo/SP	<i>Não houve registro de homenagem nesse congresso</i>	<i>Não houve lançamento de livros nesse congresso</i>
4º*	Eixos temáticos: Saúde e Espiritualidade; Educação e Espiritualidade; Reencarnação e Educação	04 a 06/09 2010	550	150,00	Centro de Convenções Rebouças, São Paulo/SP	<i>Não houve registro de homenagem nesse congresso</i>	“Educação e espiritualidade: interfaces e perspectivas”, org. Dora Incontri (Editora Comenius)
5º*	Educação, Espiritualidade e Transformação Social	17 a 20/04 2014	300	300,00	Centro de Convenções Rebouças, São Paulo/SP	100 anos de nascimento de José Herculano Pires 200 anos de nascimento de Maurice Lachâtre	“Educação, espiritualidade e transformação social”, org. Dora Incontri; “Pampaedia - Educação universal”, Jan Amos Comenius; “Bach, o pai da música”, Luis Augusto Beraldi Colombo (Editora Comenius); “O Espiritismo, uma nova filosofia”, Maurice Lachâtre (Editora Lachâtre)

*A partir do 4º Congresso de Pedagogia Espírita ocorreram simultaneamente os Congressos Internacionais de Educação e Espiritualidade

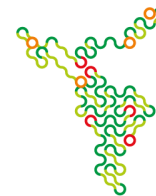
Fonte: elaborado pela autora a partir dos Anais dos cinco congressos e do livro “Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes” (2012)



Como para o primeiro congresso não foram produzidos anais, a análise a seguir será a partir do segundo focalizando as figuras de destaque. O quadro 1 indica as temáticas concernentes às áreas de trabalho dos convidados para as atividades de maior destaque no evento: as conferências.

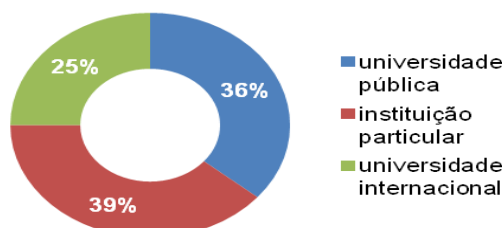
A professora indiana Marian de Sousa, titular da Universidade de Sidney na Austrália, participou do primeiro congresso internacional. O palestrante Przemyslaw Grzybowski, doutor em Ciências Humanas em uma universidade na Polônia participou de três congressos, ausente apenas no último por problemas pessoais, segundo a entrevista da Dora. Ney Lobo, educador, filósofo e idealizador da Cidade Mirim do Instituto Lins de Vasoncellos só não participou do último por ter falecido em 2012. Segundo Dora, ele esteve presente desde o primeiro congresso, assim como Franklin Santana Santos, professor de Ciências Médicas da USP e Alessandro Cesar Bigheto, mestre em História da Educação pela Unicamp que participaram de todos os cinco congressos. Já Priscila Grigoletto Nacarato, doutora em Filosofia da Educação pela USP, participou do segundo e do quinto congressos, estando presente em um nacional e em um internacional. José Pacheco, fundador da Escola da Ponte, participou do segundo, do terceiro e do quinto congressos. Júlio Peres, doutor em Neurociências pela USP, participou do terceiro e do quarto congressos também experienciando uma versão nacional e outra internacional. Regis de Moraes, livre-docente e professor titular aposentado da Unicamp, participou dos três últimos congressos enquanto André Andrade, professor da UFF e Alysson Leandro Mascaro, livre-docente em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP estiveram presentes somente no quarto e no quinto. Wojciech Kulesza, pós-doutor em Educação pela Auburn University e tradutor da obra *Escola da Infância*, de Comenius esteve presente no último internacional. Jim Tucker, doutor em Medicina, diretor médico da Clínica Psiquiátrica da Família e da Criança e professor assistente da Divisão de Estudos de Percepção e da Divisão de Psiquiatria da Família e da Criança, ambas da Universidade de Virginia - EUA participou do quarto congresso, primeiro internacional assim como André Luiz Peixinho, graduado em Medicina, Filosofia e Psicologia, mestre em Medicina Interna e Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Atualmente é professor titular de Saúde da Família da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública¹.

¹ Esses dados foram retirados dos anais, portanto constam as certificações e atividades que os palestrantes possuíam à época dos congressos nos quais participaram. Não foram atualizados.



Dentre os palestrantes de todos os congressos, excetuando-se o primeiro por ausência de fonte, 36 (trinta e seis) eram professores universitários.

Gráfico 1 – Filiação institucional dos conferencistas.

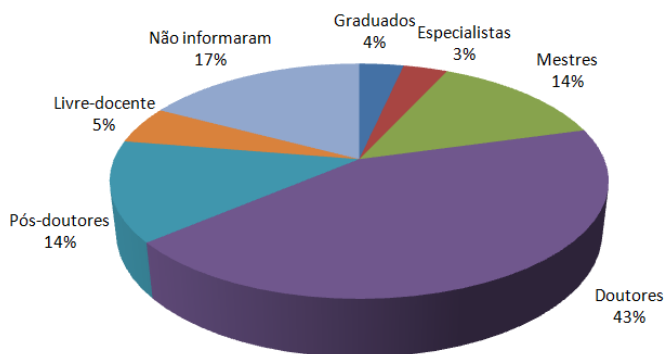


Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se, por esses dados, as interfaces entre o campo científico e o religioso no âmbito dos congressos.

Abaixo, é possível observar a formação dos convidados sendo a maior parte de doutores².

Gráfico 2 – Titulação dos palestrantes convidados para os Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita e os Congressos Internacionais de Educação e Espiritualidade.

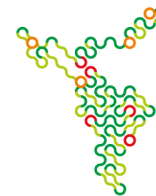


Fonte: Elaborados pela autora.

Tabela 1 – Titulação dos palestrantes convidados para os Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita e os Congressos Internacionais de Educação e Espiritualidade.

Titulação	Qtde.
Especialistas	2
Graduados	2
Mestres	8
Doutores	25
Pós-doutores	8
Livres-docentes	3
Não identificado	10
Total	58

² Dentre os que não tiveram a titulação identificada (gráfico 2) encontram-se dois jornalistas; um produtor e diretor de rádio e TV; um promotor público; um médico homeopata; um cineasta; um graduado em Filosofia, responsável por conduzir uma experiência pedagógica nas décadas de 60 e 70 criando a Cidade Mirim, no Instituto Lins de Vasconcellos, em Curitiba (Paraná); um criador dos Encontros de Dirigentes Espíritas em Minas Gerais e fundador da Associação Mineira de Pedagogia Espírita; um médico e membro da Academia Brasileira de Neurologia; uma professora titular da Universidade Católica da Austrália e uma antropóloga e demógrafa, diretora da Child Trends (ONG de Pesquisa e Desenvolvimento da Criança).



A partir do quarto evento, o congresso internacionaliza-se contando com palestrantes da Austrália, Estados Unidos, Canadá e Polônia, com temáticas mais abertas para outras religiões, não tão focalizadas no Espiritismo.

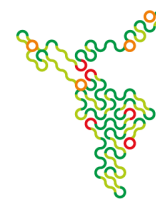
Conclusão

Esta pesquisa foi concluída em meio a uma pandemia. Além disso, estamos também no meio de um governo de extrema direita cujo negacionismo à ciência colocou o Brasil como o segundo país mais afetado pela doença, perdendo apenas para os Estados Unidos. Tristes tempos! Muita coisa mudou desde a primeira redação deste trabalho: a mais dolorosa e impactante foi a perda do irmão de Livia, autora deste trabalho, no início da pandemia.

Devido ao contexto político atual, grande parte do movimento espírita tradicional, que já era conservador, tornou-se radicalmente alinhado ao governo dificultando a convivência e provocando uma debandada de seguidores e trabalhadores das instituições espíritas. Nas redes, coletivos foram e estão sendo formados por esses “dissidentes” de diversas partes do Brasil que se autoqualificam, dentre outras denominações, como “espíritas progressistas” ou “espíritas à esquerda”.

Em meio a tudo isso, Dora Incontri estreia seu documentário “Em Busca de Kardec” no dia 1º de julho de 2020. Quinze dias antes participou do programa “Conversa com Bial” da TV Globo para divulgar a pesquisa que redundou em descobertas inéditas mostradas no documentário. Juntamente com Marcel Souto Maior, biógrafo de Allan Kardec e de Francisco Cândido Xavier, Dora criticou a mediunidade “espetaculosa”, seguidores de médiuns-estrelas (prática comum no Espiritismo brasileiro) e atentou para o fato de que isso abre possibilidade para fraudes. Ela lembrou que Kardec considerava que a mediunidade melhor exercida deveria ser na intimidade de pequenos grupos. Essa premissa, apesar de ser uma orientação do próprio fundador do Espiritismo, vai de encontro às diretrizes das federativas – seguidas pelas filiadas – que alegam perigo para a prática mediúnica exercida fora dos centros espíritas, com o risco de causar desequilíbrios, obsessões etc. (controle? poder?).

Dora também responsabilizou o “abrasileiramento” do Espiritismo ao médium Francisco Cândido Xavier que deu um tom mais católico a essa doutrina o que causou a perda dos aspectos filosóficos e científicos, apesar de concordar com o fato de se dever a ele a expansão do Espiritismo no Brasil por ser um líder popular, não intelectual. Afirmou que o Espiritismo que nós temos hoje no



Brasil não é o que o Kardec tinha na França do século XIX além de condenar a idolatria aos médiuns, uma vez que “Kardec passava todos os médiuns pelo crivo da crítica, da análise e da racionalidade” (<https://globoplay.globo.com/v/8702694/>, acesso em 24 out 2020). Essas falas causaram uma convulsão no meio espírita, inclusive suscitando censura aos episódios da sua série por parte de dirigentes e coordenadores de trabalho de alguns centros espíritas.

Uma das autoras desse texto professa a doutrina espírita e sentiu-se extremamente desconfortável ao perceber seus usos aliados à tendência política à extrema-direita da maior parte dos seguidores dessa crença. A ruptura foi inevitável.

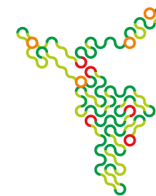
Manter o distanciamento, o “olhar de fora” durante o processo da pesquisa também não foi fácil. Bourdieu (1990, p. 113) afirma que o adepto da crença por ele analisada corre o risco de perder a objetividade e produzir uma espécie de ciência edificante, pois suas convicções fazem parte de sua identidade. Por outro lado, não pertencendo ao campo estudado, o pesquisador poderá desconsiderar ou não obter informações fundamentais para sua compreensão. Foram nessas fronteiras, na corda bamba, que esse trabalho foi produzido.

Ao tentar entender os embates no campo científico, percebi como se davam algumas relações de poder também no campo religioso. Com tudo que está acontecendo no Brasil neste momento, tendo de certa forma relação com a temática aqui abordada, a história presente se tornou presente demais. Como lembra Alice Lang:

Uma questão inicial diz respeito ao estudo de uma crença por um pesquisador que é um seguidor dessa crença, fato mais comum, ou por aquele que é apenas observador, podendo-se destacar vantagens, desvantagens, facilidades e dificuldades em cada uma das situações. (LANG, 2008, p. 181)

Esta pesquisa procurou narrar uma história dos Congressos Brasileiros de Pedagogia Espírita e dos Congressos Internacionais Educação e Espiritualidade por meio da análise dos anais, de entrevista e da revisão da literatura. Mais do que uma disputa no campo científico, havia também uma disputa também no campo religioso. A Pedagogia Espírita tal como entendida por Dora e seus colaboradores tornou-se marginal no campo científico assim como no religioso.

Dora foi rejeitada como professora em instituições de ensino superior e, por outro lado, perdeu também o apoio da Federação Espírita. Contudo, professores universitários de diferentes instituições circularam pelos congressos indicando que talvez se pesquise, mais do que se pensa, as relações entre educação e espiritualidade. Por esta via, suas ideias podem ter tido uma penetração. Não logrando



legitimidade nem no campo acadêmico, nem no campo científico, Dora fez seu próprio caminho hoje com a Universidade Livre Pampédia.

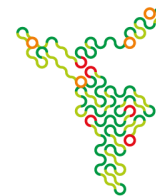
Obrigada a se adaptar à tecnologia devido ao isolamento compulsório, adequou seu curso de pós-graduação em Pedagogia Espírita para EaD, dando acesso a alunos de todo o Brasil e de outros países. A Universidade Livre Pampédia (ULP) em consonância com os tempos atuais oferece, através da sua plataforma virtual, cursos de 15 a 100 horas em diversas áreas. Além do Plano “Pampédia Flix” que disponibiliza trinta e nove cursos através de uma assinatura, em parceria com Maurício Zanolini, apresenta o programa “Semeando Espiritualidades: diálogo e crítica” através do canal “Paz e Bem” pelo YouTube e escreve semanalmente artigos na coluna do Jornal GGN além de atuar como professora em instituições privadas.

Tendo convivido com o grande pensador espírita, José Herculano Pires, a quem considera seu mestre, Dora entende ter herdado de Herculano, assim como de sua mãe dela, Cleusa, o ideal da Educação Espírita. Sua forte tendência à espiritualidade, ao diálogo inter-religioso e ao ecumenismo, em acordo com suas falas, escritas e práticas ficaram perceptíveis ao longo deste trabalho. A ampliação dos congressos de “Espíritas” para “Espiritualidade”; as coleções “Todos os Jeitos de Crer”, “Pluralismo” e a série “Grandes Pessoas” nas linhas editoriais e o programa “Semeando Espiritualidades: diálogo e crítica” também são provas disso.

Para Bourdieu (1990, p. 109) “os investimentos no campo religioso podem sobreviver à perda da fé ou mesmo à ruptura, mais ou menos declarada, com a Igreja”. Certamente, essa pesquisa é concluída com pesquisadoras mais reflexivas e mais indignadas.

Referências

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Número da edição. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2012.



INCONTRI, Dora. **Balanço da pandemia – que não acabou!** Jornal GGN, 2020. Disponível em: <
<https://jornalggn.com.br/artigos/balanco-da-pandemia-que-nao-acabou-por-dora-incontri/>>. Acesso em:
20 nov, 2020.

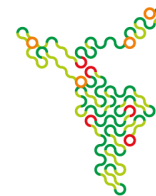
_____. Entrevista concedida à Livia Maria de Carvalho. Bragança Paulista, SP, 29 set, 2019.

KOBASHI, Nair Yumiko; SANTOS, R. N. M. dos. (2008) **Arqueologia do trabalho imaterial:** uma aplicação bibliométrica à análise de dissertações e teses. Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 13(1), Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2008, 106-115.

LANG, A. B. da S. G. **Espiritismo no Brasil.** Cadernos CERU, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 171-185, 2008. DOI: 10.1590/S1413-45192008000200010. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11863>. Acesso em: 13 ago. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PIRES, José Herculano. **Pedagogia Espírita.** 11. ed. Campinas: Editora Paidéia, 2008.



OS PASSOS INICIAIS DA FORMAÇÃO POLÍTICA DE MARLENE SOCCAS COMO MILITANTE DE ESQUERDA

Rose Méri Nietto¹
Giani Rabelo²

Resumo: Este estudo é um recorte da dissertação de Mestrado, que objetivou compreender o processo de formação política de Marlene Soccas como militante de esquerda na resistência à Ditadura Civil-Militar no Brasil. Sua militância iniciou no final da década de 1960, em São Paulo (SP), quando ela se aproximou de organizações de esquerda que resistiam à Ditadura, como a Vanguarda Revolucionária (VPR), a Ação Popular (AP) e a Rede Democrática (REDE). Por causa de sua militância, Marlene Soccas foi presa e torturada, permanecendo na prisão por mais de dois anos, de maio de 1970 a julho de 1972. Após sua saída da prisão, inseriu-se em vários movimentos de defesa da democracia e dos direitos humanos e, desde então, continuou a sua militância de diversas formas. Em 2021, aos 86 anos de idade, ainda continua participando de vários movimentos de resistência. Neste trabalho, serão compartilhadas algumas de suas lembranças relacionadas ao período inicial de sua formação política como militante de esquerda, que foi impulsionada por Paulo Stuart Wright, ex-deputado estadual catarinense. Paulo Wright, após o Golpe de 1964, foi cassado, asilou-se em Cuba e no México e retornou ao Brasil, onde militou, clandestinamente, até a sua provável morte pelo regime militar.

Palavras-chave: Militante de esquerda. Memórias. Formação política. Marlene Soccas. Paulo Stuart Wright.

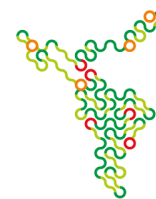
THE INITIAL STEPS IN THE POLITICAL FORMATION OF MARLENE SOCCAS AS A LEFT MILITANT

Abstract: This article presents an excerpt from research that aimed to understand the process of the political formation of Marlene Soccas, as a leftist militant, in the resistance to the Civil-Military Dictatorship in Brazil. Her work began in the late 1960s, in São Paulo (SP), when she approached left-wing organizations such as Vanguarda Revolucionaria (VPR), Ação Popular (AP) and Rede Democrática (REDE). Because of her militancy, Marlene Soccas was arrested and tortured, remaining in prison from May 1970 to July 1972. After being released from prison, Marlene Soccas joined various movements in defense of democracy and human rights and continues to militate in different ways. In 2021, at age 86, she is still participating in various resistance movements. In this work will be shared some of her memories related to the initial period of her political formation as a leftist militant, driven by the relationship with Paulo Stuart Wright, state deputy from Santa Catarina. Paulo Wright, after the 1964 coup, was impeached, took refuge in Cuba and Mexico and returned to Brazil, where he militated, clandestinely, until his probable death by the military regime.

Keywords: Left militant. Memoirs. Political formation. Marlene Soccas. Paulo Stuart Wright.

¹Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), câmpus Criciúma, (IFSC/SC/Brasil). *E-mail:* mmerinietto@gmail.com. Financiamento FUMDES/UNIEDU.

² Professora das Licenciaturas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC/SC/Brasil). *E-mail:* gra@unesc.net.



Introdução

O presente trabalho é um recorte da dissertação de Mestrado³, cujo objetivo central foi compreender o processo de formação política de Marlene Soccas⁴ como militante de esquerda na resistência à Ditadura Civil-Militar no Brasil, entre os anos de 1960 a 1970. Neste texto, serão apresentadas algumas de suas lembranças relacionadas ao período inicial de sua formação política como militante de esquerda, que foi impulsionada por Paulo Stuart Wright⁵.

Os fragmentos biográficos do percurso de vida de Marlene Soccas narrados na pesquisa em questão foram embasados em entrevistas orais, utilizando-se a metodologia da História Oral, cartas escritas por ela quando esteve reclusa no Presídio Tiradentes e no livro de sua autoria intitulado “Meu querido Paulo”. No entanto, neste texto, utilizaremos somente as narrativas das entrevistas e do livro referido.

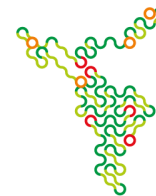
O livro, assim como as cartas, é tratado como “escrita de si”, portanto, como autobiografia. De acordo com Philippe Artières (1998), as “escritas de si” ocorrem no processo de arquivamento da própria vida. Arquivamos a nossa própria vida mantendo um diário, conservando alguns papéis em alguma pasta ou gaveta (ARTIÈRES, 1998). No entanto, segundo o autor, não fazemos esse arquivamento de qualquer jeito, “[...] não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Na “escrita de si”, na autobiografia e na biografia, nós escolhemos os acontecimentos que queremos destacar e também os ordenamos em uma narrativa, sendo que a “[...] escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Fazemos isso selecionando e classificando os eventos mais significativos de nossa trajetória de vida. Com a memória ocorre da mesma forma. De acordo com Ecléa Bosi (2004,

³ A dissertação intitulada “Memórias, identidades e o processo de formação política de Marlene Soccas: uma militante de esquerda em tempos de Ditadura-Civil Militar no Brasil (1960-1970)” foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense no ano de 2019.

⁴ Nome de solteira. É assim que ela é conhecida por muitas pessoas e é dessa forma que será nomeada neste trabalho. Seu nome completo é Marlene de Souza Soccas Sazan.

⁵ Neste texto, ao nos referirmos a Paulo Stuart Wright, usaremos o nome reduzido Paulo, que é a forma como Marlene Soccas se referia/refere a ele.



p. 66), “[...] fica o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado”.

No trabalho com memórias, é importante ter presente esse aspecto de seletividade, do qual, muitas vezes, o/a narrador/a não se dá conta. É necessário “[...] distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou” (AMADO, 1996, p. 131).

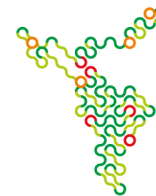
Sendo o “vivido” diferente do “recordado”, neste trabalho, foi necessário considerar as diferenças entre as experiências vivenciadas por Marlene Soccas e as lembradas por ela. Sendo assim, não foi possível “resgatar” o evento tal como ele ocorreu, pois a lembrança é uma imagem construída com as intermediações do presente e do passado. Essa ideia é apontada por Bosi (2004, p. 55), para quem, “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

No que se refere à formação política de Marlene Soccas como militante de esquerda, entendemos que ela ocorreu/ocorre de modo contínuo e permanente e aqui tratamos do que consideramos os passos iniciais dessa formação. Nas palavras de António Nóvoa (2010), é algo que ocorre ao longo da vida e nele estão incluídas, além de leituras e estudos, as experiências individuais e coletivas, bem como as reflexões sobre elas.

O reencontro com o militante Paulo: o início da formação política de Marlene Soccas como militante de esquerda

Marlene Soccas nasceu em Laguna (SC) em 1934, onde viveu parte de sua infância. Na juventude, trabalhou na empresa dos Correios e Telégrafos e, paralelamente, estudou Odontologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, tornando-se cirurgiã dentista no ano de 1955. Na década de 1960, residiu e atuou profissionalmente como dentista em Criciúma (SC).

Em 1966, ela foi morar na cidade de São Paulo com a intenção de aperfeiçoar-se em sua profissão. Matriculou-se na Universidade de São Paulo (USP), na Faculdade de Odontologia, e frequentou vários cursos de complementação, que considerava importantes para a sua formação profissional, aos quais dedicou-se com afinco.



Nessa cidade, por volta desse mesmo ano, reencontrou Paulo Stuart Wright, o qual havia conhecido antes do Golpe de 1964. Marlene Soccas o conheceu em uma viagem de ônibus que ela realizou de Criciúma para Florianópolis e depois o reviu em uma visita dele à cidade de Criciúma.

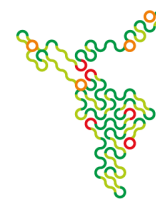
Na época em que Marlene Soccas conheceu Paulo, antes do Golpe de 1964, ele era o único Deputado Estadual evangélico e representante do Partido Social Progressista (PSP) na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, tendo sido eleito em outubro de 1962. De acordo com Marlene Soccas (2017d, p. 8-9), ele “[...] *estava organizando os pescadores no litoral catarinense. Ele tinha feito 27 Cooperativas de Pescadores, depois os organizou numa Federação que se chamava FECOPESCA [...] e entra em contradição com os grandes, com as indústrias de pesca e que utilizavam frigorífico para deixar o pescado*”.

Por causa de seus posicionamentos políticos, ele foi acusado de ser comunista e cassado, asilando-se no México e depois em Cuba. Posteriormente, retornou ao Brasil e militou clandestinamente na Ação Popular (AP) e até hoje está desaparecido (PAEGLE, 2011).

Quando Marlene Soccas o reencontrou em São Paulo, ele era um dos dirigentes da AP e atuava na clandestinidade, tendo que criar maneiras para não cair nas mãos dos órgãos de repressão. Ela recordou que nesse primeiro reencontro percebeu, em seu aspecto físico, uma mudança drástica, o que chamou muito a sua atenção, mas não fez nenhum comentário. Em suas palavras: “[...] *eu não entrei nesses detalhes. Só que ele queria saber de mim e eu contei alguma coisa. Dele, ele não falou nada*” (SOCCAS, 2017c, p. 34). Aliás, ela narrou que nas outras vezes quando se encontraram dali para frente, ele não falou sobre a sua vida pessoal, nem o que fazia, nem onde morava ou com quem andava.

Esse tipo de comportamento imprevisível era uma estratégia utilizada pelos/as militantes que viviam na clandestinidade para se protegerem de uma eventual prisão pelos órgãos de repressão da ditadura, bem como para não colocarem em risco a vida das pessoas com quem se relacionavam.

Marlene Soccas não sabia quando Paulo reapareceria. Eles não marcaram data nem lugar para os encontros. Ele simplesmente aparecia. E foram nesses encontros não marcados que Paulo começou a falar-lhe sobre as ideias que nortearam a formação e a trajetória de militante de esquerda de Marlene Soccas e o seu envolvimento nas organizações de resistência à ditadura. Nas palavras de Marlene Soccas, “[...] *o Paulo é uma pessoa que vai mudar muito a minha vida, também*” (SOCCAS, 2017c, p. 30). Assim, segundo ela,



[...] *ele foi me apresentando o “Livrinho Vermelho”*⁶ [Figura 1] *de Mao Tse-Tung e me deu também uns documentos do Paul Baran e Paul Sweezy, que eram os intelectuais norte-americanos que falavam sobre socialismo. [...] Era “O Capitalismo Monopolista”*⁷ [Figura 2], *parece que era do Paul Sweezy... Desse filósofo norte-americano e economista também.* (SOCCAS, 2017d, p. 35. Acréscimos nossos).

Figura 1: Livro Vermelho



Imagem da Internet

Figura 2: Capitalismo Monopolista

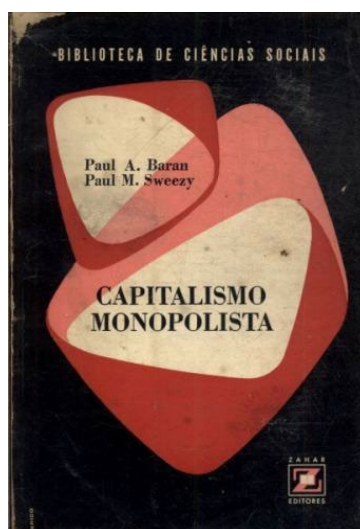


Imagem da Internet

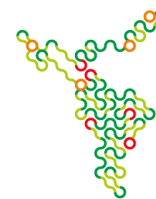
Sobre o livro escrito por Paul Baran e Paul M. Sweezy, ela escreveu em seu próprio livro: “[...] eu devorei várias vezes, um livro que me abriu muito a cabeça sobre as questões econômicas, disciplina difícil para uma dentista que lida diariamente com disciplinas biológicas” (SOCCAS, 2014, p. 158). Conforme os relatos de Marlene Soccas, as suas conversas com Paulo “[...] eram só sobre isso! Porque a intenção dele era me conquistar para a luta ou para uma visão de luta do povo brasileiro contra a dominação” (SOCCAS, 2017c, p. 35).

Outros livros que ela lembrou ter lido, à época, por intermédio de Paulo, foram “Cangaceiros e Fanáticos: gêneses e lutas”⁸ [Figura 3] e “Messianismo e Conflito Social: guerra sertaneja do

⁶ Conforme Marlene Soccas, o “Livro Vermelho” é um livro de bolso contendo uma coletânea de citações de Mao Tse-Tung acerca de suas ideias sobre guerra, política e a organização do socialismo na China.

⁷ O Livro “Capital Monopolista”, de autoria de Paul Baran e Paul M. Sweezy, foi publicado em 1966 pela editora Zahar.

⁸ O livro “Cangaceiros e Fanáticos: gêneses e lutas” foi escrito por Rui Facó, publicado em 1963 pela editora Civilização Brasileira. Trata dos fenômenos da Guerra de Canudos ocorrida no sertão baiano, e do cangaço, da região de Juazeiro, no Ceará.



Contestado”⁹ [Figura 4], que trata sobre a Guerra do Contestado, ocorrida entre 1912-1916, em Santa Catarina. Este livro a “marcou muito”.

Eu adorei o livro, achei ótimo. [...] Aonde eu ia eu carregava o livro. Lia no ônibus, em tudo quanto é lugar eu estava lendo. [...] Aquela história me marcou muito. É claro que eu tomei o lado de quem? Dos camponeses, porque eu tinha muito mais identidade com os camponeses porque eu era pobre, de origem pobre também, que minha mãe sempre falava para eu sempre ter pena dos pobres. A posição da minha mãe era mais religiosa e paternalista, não era política. E a primeira ideia que eu recebi foi essa, foi de ter pena mesmo. [...] Depois eu estudei os “Canudos” lá da Bahia, depois vou estudando o “Zumbi” e outras coisas assim. (SOCCAS, 2017d, p. 22).

Figura 3: Cangaceiros e Fanáticos



Imagem da Internet

Figura 4: Messianismo e Conflito Social

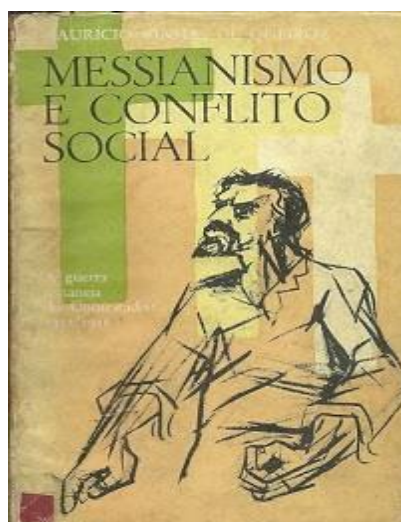
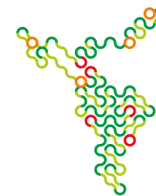


Imagem da Internet

Marlene Soccas relatou que fazia as leituras de seus livros também em lugares públicos. No período da ditadura, isso era algo perigoso. De acordo com ela, lia no ônibus, em casa, “*no tempinho livre que tivesse*”. Para lê-los em lugares públicos, como nos ônibus, por exemplo, encapava-os e lia-os de forma a impedir que outras pessoas vissem o conteúdo do livro (SOCCAS, 2017d, p. 36). Essa era uma estratégia de resistência à censura imposta pela ditadura, provavelmente utilizada por muitos/as militantes.

⁹ “Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do Contestado” foi escrito por Maurício Vinhas de Queiróz e publicado no ano de 1966 pela editora Civilização Brasileira.



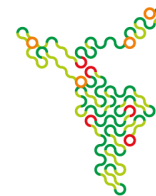
O acesso a esse tipo de livro também não era tão fácil. O livro “Cangaceiros e Fanáticos: gêneses e lutas”, em especial, como não era muito conhecido, ela comentou que comprou em uma livraria da cidade, sem muitas dificuldades, pois de acordo com ela os livros proibidos eram os de Marx, Engels e de Lenin, assim como os de Mao Tse-Tung. Aliás, o “Livro Vermelho” de Mao Tse-Tung foi o primeiro que ela leu sobre o tema da revolução comunista. Em suas palavras: “[...] *eu estudei muito Mao. Estudei, estudei, estudei, lia muito com ele* [refere-se a Paulo]” (SOCCAS, 2017d, p. 36. Acréscimos nossos). E assim, por meio de suas leituras, estudos e reflexões, ela foi se construindo como militante, tendo Paulo como sua referência e intermediando a sua formação.

Sabe-se que a proibição de publicação e de circulação de livros, filmes e músicas considerados subversivos pelo regime militar foi um dos recursos utilizados para impedir a circulação de conteúdos e de ideias que pudessem, na ótica desse sistema repressor, afrontar a nova ordem ditatorial que havia se instalado no País. De acordo com Sandra Reimão (2014, p. 75), a restrição da liberdade de expressão e de opinião é uma das primeiras ações realizadas pelos regimes autoritários como “[...] uma forma de dominação pela coerção, limitação ou eliminação das vozes discordantes”. Conforme a autora, durante a ditadura, no Brasil, a censura oficial do Estado ocorreu com mais vigor a partir de 1967, em relação a filmes, peças teatrais, apresentações de grupos musicais, discos, cartazes e espetáculos públicos em geral, e, a partir de 1970, em relação às publicações.

Marlene Soccas leu os livros que Paulo lhe recomendou ou emprestou-lhe e depois discutiu sobre os conteúdos com ele. Os escritos de Mao Tse-Tung a ajudaram, naquele momento, na compreensão da teoria marxista, pois, segundo ela:

[...] meu embasamento era muito incipiente, mas o Mao [...] era muito simples. O linguajar dele nunca foi acadêmico, sempre foi um linguajar muito simples. Então através do Mao é que eu tive uma introdução ao Marxismo e isso foi muito bom porque ele facilitou para mim o estudo depois dos livros mais difíceis do Lenin, de Marx. Do Engels também. Então eu conversava muito com ele [refere-se a Paulo] (SOCCAS, 2017c, p. 36. Acréscimos nossos).

As ideias de Marx, Engels, Lenin e Mao circulavam entre as pessoas daquela época que desejam mudanças na sociedade. São obras que certamente mudaram comportamentos e pensamentos de uma geração. A maioria das organizações de esquerda estudava, debatia ideias, algo que vemos pouco hoje em dia, e que Marlene Soccas insiste na sua importância nos dias de hoje. Marx e Engels



foram os teóricos do que se convencionou denominar marxismo (ou marxismos)¹⁰, cujas ideias impulsionaram a Revolução Russa em 1917, liderada por Lenin, e a Revolução Chinesa, que teve como líder Mao Tse-Tung. De acordo com Daniel Aarão Reis Filho (1989), a formação política dos militantes de esquerda era referenciada em universos teóricos comuns, embasada nas leituras de algumas obras de Marx e Engels, Lenin, Mao Tse-Tung, Régis Debray¹¹ e Che Guevara.

Paulo compartilhou com Marlene Soccas, também, cópias do jornal “Libertação”, que era publicado pela AP, o qual, em suas recordações, relatava sobre as lutas no campo e os assassinatos de lideranças populares camponesas. De acordo com Carlos Azevedo (2013, p. 4), editor-chefe do jornal “Libertação”, em seu depoimento à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”, no período da ditadura, havia uma “imprensa clandestina” que conseguia se manifestar, embora com dificuldades, por meio de jornais. Conforme o seu relato: “[...] era muito difícil fazer porque nós não tínhamos nenhum local. Para reunir uma equipe a gente teve que se reunir na rua, em botequim, às vezes a reunião aconteceu até dentro de um cemitério para a gente poder conversar e planejar o jornal” (AZEVEDO, 2013, p. 7).

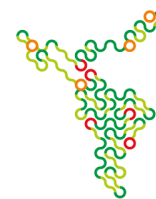
Figura 5: Jornal Libertação



Fonte: Estanislau (2018, n.p.).

¹⁰ Levando em conta a pluralidade de concepções e interpretações no campo da esquerda acerca das ideias de Marx e Engels, há autores que defendem a existência de “marxismos” (SILVA, 2009).

¹¹ Régis Debray foi companheiro de luta de Che Guevara.



Em seu relato, Azevedo (2013) informou que a primeira edição do jornal “Libertação” foi distribuída na manifestação realizada pelos trabalhadores no “Dia do Trabalhador”, em 1º de maio de 1968, na cidade de São Paulo, de cujo evento Marlene Soccas participou. Assim, além dos livros, havia esses materiais de comunicação alternativos clandestinos, como o jornal “Libertação”, que eram produzidos por uma parte das organizações que teimavam em se opor à ditadura. A produção, a distribuição e a posse desse tipo de material representavam também atos de resistência ao regime.

Essas leituras, as suas reflexões e discussões acerca delas e a sua relação com Paulo foram imprescindíveis, ao que parece, na formação política inicial de Marlene Soccas como militante de esquerda à época, como é possível percebermos nestes trechos de seu livro “Meu querido Paulo”: “[...] ao teu lado, além de usufruir da tua companhia muito agradável, eu ia aprendendo muitas coisas” (SOCCAS, 2014, p. 158). Ela continuou, dizendo:

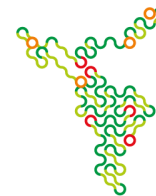
Através das nossas conversas, a minha capacidade de enxergar as coisas, de percepção e sentido crítico ia aumentando a cada encontro nosso. Eu fazia os meus cursos na Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas (APCD), e tu ias lá me buscar, depois das aulas, e vínhamos, alegremente, pelas ruas mais escuras, pois sempre as procuravas para te proteger, bem como os horários noturnos. (SOCCAS, 2014, p. 158).

Em suas palavras: “[...] *toda essa primeira bagagem política foi das mãos do Paulo que eu recebi*” (SOCCAS, 2017d, p. 24). Pelos relatos de Marlene Soccas tanto no seu livro como nas entrevistas, é possível perceber o quanto a presença de Paulo em sua vida significou suas aprendizagens políticas. Estava assim nascendo uma militante de esquerda que, aos poucos, foi criando o seu próprio caminho.

A entrada na militância

A formação política e a militância de esquerda de Marlene Soccas, à época, foram impulsionadas por sua relação com Paulo, e eles mantiveram contato até a prisão dela, em maio de 1970. Em entrevistas realizadas com alguns homens e algumas mulheres que participaram de alguma forma da luta contra a ditadura, Joana Maria Pedro (2017) observou que, dentre as mulheres entrevistadas, algumas referiram que foram impulsionadas à luta por causa de suas relações afetivas amorosas, mas, no entanto, nenhum dos homens entrevistados referiu isso.

No livro “Memórias das mulheres no exílio”, escrito por Albertina de Oliveira Costa e outras autoras, Sonia, uma das depoentes, observou que “[...] na maioria dos casos, a participação política



das mulheres tinha muito a ver com as suas relações afetivas. Geralmente era o casal que estava num mesmo esquema” (COSTA *et al.*, 1980, p. 247). É possível percebermos, dessa forma, que a relação afetiva amorosa foi um elemento importante que impulsionou a entrada de muitas mulheres na militância contra o regime militar, como ocorreu com Marlene Soccas.

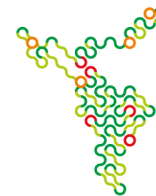
Embora muitas mulheres tenham sido impulsionadas para a militância, à época, por suas relações afetivas, como foi o caso de Marlene Soccas, houve aquelas que aderiram à luta contra a ditadura de forma independente, por suas próprias convicções. Elas defendiam que as mulheres também deveriam ocupar esses espaços políticos. E, embora Marlene Soccas tenha sido impulsionada a se posicionar contra a ditadura também por sua relação afetiva com Paulo, ela trilhou um caminho independente dele, atuando, inclusive, junto a um grupo de luta armada, com cujas diretrizes ele não concordava. O mundo da revolução, das ideias e do marxismo também a seduziram. Ela acabou se aproximando da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), entrando na clandestinidade amparada por essa organização, e da REDE. Por atuar nessas organizações de esquerda, ela foi presa e torturada pelos órgãos de repressão da época, sendo posteriormente condenada à prisão, no Presídio Tiradentes, em São Paulo, ficando presa de maio de 1970 a julho de 1972.

Para Marlene Soccas, esse período de reclusão complementou a sua formação política, que havia iniciado com Paulo. Em suas palavras:

[...] acho que o que contribuiu [refere-se à sua formação política] foi a minha convivência com o Paulo e os livros que o Paulo me passou, os jornais, as minhas discussões com ele, os materiais da organização dele. [...] Em relação à formação, a prisão complementou (SOCCAS, 2017i, p. 36).

Após sua saída da prisão, em 1972, Marlene Soccas voltou para Criciúma e inseriu-se em vários movimentos políticos em defesa da democracia e dos direitos humanos. A partir da década de 1980, participou da organização de partidos de esquerda nessa cidade e foi candidata a vários cargos políticos eletivos por alguns desses partidos. Além do livro “Meu querido Paulo”, ela escreveu “Como ele veio e ficou”. Ambos versam sobre as suas experiências no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

Ela se tornou uma referência em Santa Catarina e, até o ano de 2019, proferiu, com frequência, palestras em escolas e em universidades, bem como se manifestou muitas vezes em programas de rádio e em jornais do Estado acerca de suas experiências. Hoje escreve com regularidade nas redes



sociais, como *facebook*, *whatsApp*, *YouTube*, dentre outros, nas quais emite suas opiniões, fazendo análises sobre a política nacional e internacional e sobre a realidade brasileira atual.

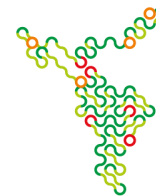
Para finalizar

Pelas declarações de Marlene Soccas nas entrevistas e em seu livro, “Meu querido Paulo”, ficou evidente que a sua “primeira bagagem política” esteve ligada à sua relação com Paulo. Ele, ao fornecer ou indicar livros e outros materiais de esquerda, bem como propiciar momentos de discussão política sobre estes e sobre o contexto político em que estavam vivendo, contribuiu sobremaneira para a sua formação política. Mas ficou evidente que além de uma relação intelectual e política que se estabeleceu entre ambos, o tipo de relação afetiva que se construiu entre Paulo e Marlene Soccas também foi relevante para a sua inserção na luta de resistência à ditadura.

É importante ressaltar, no entanto, que Marlene Soccas seguiu um caminho independente de Paulo, construindo uma trajetória de formação política e uma trajetória política como militante de esquerda de forma autônoma, continuando a sua formação até hoje.

Referências

- AMADO, Janaina. O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e imaginação em História Oral. *In: História*, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1996.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998.
- AZEVEDO, Carlos. Transcrições de Audiências. *In: COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO “RUBENS PAIVA”. Relatório: Audiências Públicas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo - 2013. Tomo III. Audiência realizada em 1 de outubro de 2013, p. 1-117.*
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Memórias das mulheres no exílio**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980. 439 p.
- ESTANISLAU, Lucas. Libertação, o jornal da luta clandestina da AP (Ação Popular) contra a ditadura. **Ópera Mundi**, 2018. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/memoria/48874/libertacao-o-jornal-da-luta-clandestina-da-ap-acao-popular-contra-a-ditadura>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- NÓVOA, António. Projeto Prosalus. *In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). O método (auto)biográfico e a formação*. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulos, 2010, p.157-187.



PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. Entre a cruz e a espada: os aspectos biográficos da vida de Paulo Stuart Wright. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo/RS, v. 26, p. 122-127, 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/223/270>. Acesso em: 05 jun. 2019.

PEDRO, Joana Maria. Viver o gênero na clandestinidade. *In*: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História Oral e história das mulheres**. São Paulo: Letra e Voz, 2017, p. 33-55 (Coleção História Oral e Dimensões do Público).

REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e a circulação...” – censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 jun. 2019.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro**: os comunistas no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. 200 p.

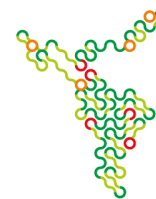
SILVA, Antonio Ozaí. Esboço para a História da esquerda no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, [s.l.], n. 103, p. 90-107, dez. 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/8981-31436-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/8981-31436-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 14 abr. 2019.

SOCCAS, Marlene. (Sem título). Entrevista concedida à Rose Méri Nietto. Criciúma, 18 mar. 2017c.

SOCCAS, Marlene. (Sem título). Entrevista concedida à Rose Méri Nietto. Criciúma, 21 br. 2017d.

SOCCAS, Marlene. (Sem título). Entrevista concedida à Rose Méri Nietto. Criciúma, 12 ago. 2017i.

SOCCAS, Marlene. **Meu querido Paulo**. Criciúma: Ed. do Autor, 2014.



RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA DOCENTE DA IRMÃ NORBERTA OGNIIEWSKI (1937-1999)

Cintia Gonçalves Martins ¹

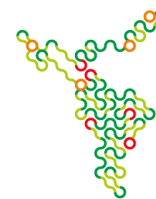
Resumo: Esse trabalho apresenta algumas questões iniciais referentes a uma pesquisa de doutoramento que venho realizando junto ao PPGE - UNESC. Tal investigação tem por objetivo estudar a história e trajetória da religiosa e professora Irmã Norberta Ogniewski (1907 - 1999) que atuou na Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora do Colégio Sagrada Família, localizado no município de Forquilha (SC). A Congregação foi fundada no dia 24 de outubro de 1833, pela religiosa Maria Teresa de Jesus Gerhardinger, em Neumburgvorm Wald, na Alemanha. As Irmãs Escolares chegaram em Forquilha no dia 21 de outubro de 1935, quando o município era constituído por um núcleo de colonos alemães, em sua maioria, e pertencia a cidade de Criciúma. As irmãs vieram para a região com o intuito de proporcionar o acesso à educação escolar dos filhos e filhas dos colonos que ali viviam. Todavia, suas funções foram além da educação escolar, sendo que no ano de 1936 assumiram o Hospital São José em Criciúma, além disso, trabalhavam na vida religiosa e comunitária assistencial as famílias mais pobres da região. Em 1937, chega mais uma leva de religiosas e entre elas encontrava-se a Irmã Norberta Ogniewski. Ela foi a primeira diretora do colégio e concomitante realizava trabalhos de assistência comunitária e religiosa em Forquilha e região. A pesquisa busca compreender sua trajetória por intermédio dos vestígios deixados pela irmã e salvaguardados pelas suas companheiras de congregação.

Palavras-chave: Educação. Religião. Congregações Religiosas. Irmã Norberta Ogniewski

RELIGION, EDUCATION AND ASSISTANCE: SISTER'S TEACHING TRAJECTORY NORBERTA OGNIIEWSKI (1937-1999)

Astract: This work presents some initial questions regarding a doctoral research that I have been carrying out with PPGE - UNESC. This investigation aims to study the history and life trajectory of the religious and teacher Sister Norberta Ogniewski (1907 - 1999) who worked at the Congregation of the School Sisters of Nossa Senhora at Colégio Sagrada Família, located in the municipality of Forquilha (SC). The Congregation was founded on October 24, 1833, by the religious Maria Teresa de Jesus Gerhardinger, in Neumburgvorm Wald, Germany. The School Sisters arrived in Forquilha on October 21, 1935, when the municipality was made up of a group of German settlers, mostly, and belonged to the city of Criciúma. The sisters came to the region in order to provide access to school education for the sons and daughters of the settlers who lived there. However, their functions

¹ Doutoranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – PPGE da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, bolsista PROSUC/CAPES-UNESC. Mestre em Educação pelo PPGE/UNESC. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação GRUPEHME/UNESC. Criciúma – SC, Brasil. E-mail: cintiamartins@unesc.net.



went beyond school education, and in 1936 the Hospital São José in Criciúma took over, in addition, the poorest families in the region worked in the religious and community care life. In 1937, another batch of nuns arrived and Sister Norberta Ogniewski was among them. She was the school's first director and concurrently carried out community and religious assistance work in Forquilha and region. The research seeks to understand her trajectory through the traces left by her sister and safeguarded by her companions in the congregation.

Keywords: Education. Religion. Religious Congregations. Sister Norberta Ogniewski

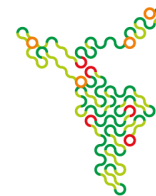
Introdução

O trabalho apresenta questões iniciais referentes a uma pesquisa mais ampla de doutoramento que venho realizando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – PPGE/UNESC, desde o segundo semestre de 2019. A pesquisa está sendo orientada pela professora Doutora Giani Rabelo. A investigação tem por objetivo principal estudar a história e trajetória profissional da religiosa e professora Irmã Maria Norberta Ogniewski (1907 - 1999) que atuou na Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora Colégio Sagrada Família, localizado no município de Forquilha (SC).

O interesse em pesquisa a trajetória profissional da Ir. M^a Norberta Ogniewski, se deu em virtude do processo de construção do Memorial Escolar do Colégio Sagrada Família em Forquilha (SC), pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME vinculado à Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, da qual sou membro desde 2009.

O GRUPEHME² foi criado em 2001, e desde sua criação seus membros realizam pesquisas sobre a História da Educação do Sul de Santa Catarina, contando com recursos da Pró-Reitora de Pós-Graduação e Extensão/UNESC e do CNPq, entre outras instituições de fomento à pesquisa. Dentre as atividades produzidas pelo GRUPEHME, encontra-se a preocupação com a preservação do patrimônio histórico educativo da religião do Extremo Sul Catarinense. Ao longo de suas atuações os/as pesquisadores/as do GRUPEHME sentiram a necessidade de ações mais efetivas na busca da preservação do patrimônio educativo das instituições de ensino do extremo sul de Santa Catarina, a fim de garantir a guarda dos testemunhos que se configuram como fontes de pesquisa e colaboram para a efetivação das identidades históricas desses espaços.

² O grupo está cadastrado no CNPq e suas líderes são as professoras Dra. Giani Rabelo e Dra. Marli de Oliveira Costa.



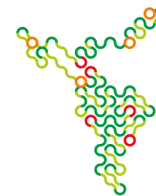
Neste empenho de preservar os bens materiais e imateriais de algumas escolas (públicas e privadas), o GRUPEHME, está atuando na implantação de espaços que buscam contribuir para a preservação do patrimônio histórico educativo da região Sul de Santa Catarina³. Com tais projetos e trabalhos sobre a preservação dos acervos educativos, o GRUPEHME conquistou regionalmente, uma importância significativa o que fez com que instituições educacionais demandassem parcerias na condução de trabalhos em prol da preservação dos patrimônios escolares.

De tal modo, no mês de janeiro de 2019, o GRUPEHME iniciou os trabalhos para a implantação do Centro de Memória do Colégio Sagrada Família localizado na cidade de Forquilha - SC, em parceria com o Centro de Memória e Documentação (CEDOC) da UNESCO.

No processo de implantação do memorial além dos documentos escolares salvaguardados ao longo dos anos de atuação da instituição escolar das irmãs da congregação, como livros, slides, fitas de filmes pedagógicos, mobília escolar, dentre outros, nos deparamos também com uma quantidade significativa de documentos referentes a atuação profissional da Ir. M^a Norberta Ogniewski e seus documentos pessoais. O acesso a essa documentação, bem como as falas recorrentes das religiosas relacionadas a atuação profissional da Ir. M^a Norberta Ogniewski, suscitou o interesse em pesquisar a trajetória e as narrativas que conduzem para preservação da memória da religiosa.

Nesse sentido, é importante compreender o processo de construção da congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora na Alemanha, a sua base pedagógica e sua expansão para outros continentes e países até a chegada em Santa Catarina – Brasil no início do século XX, para desse modo, conseguirmos analisarmos a trajetória profissional da Ir. M^a Norberta Ogniewski.

³ Atualmente o GRUPEHME, está trabalhando em dois projetos para construção do Centro de Memória da EEB. Barão do Rio Branco em Urussanga (um desdobramento dos trabalhos realizados no CEMESC) e a no Colégio Sagrada Família em Forquilha. Bem como, apresentação do projeto de lei PL/031.3/2013 na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, a fim de instituir a Política Estadual de Preservação do Patrimônio Escolar em Santa Catarina. Em decorrência da pandemia mundial do novo Corona Vírus (COVID-19), iniciada no Brasil em março de 2020, os trabalhos realizados nas escolas estão temporariamente pausados, tendemos retornar nossas atividades após a pandemia cessar e a nossa presença nesses espaços não colocar em risco a vida de seus trabalhadores/as.



A fundação da congregação na Alemanha

A congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, foi fundada no dia 24 de outubro de 1833, pela religiosa Maria Teresa de Jesus Gerhardinger, em Neumburgvorm Wald, na Alemanha, com o auxílio de dois sacerdotes católicos Georg Michael Wittmann (1760–1833) e Franz Sebastian Job (1767-1834).

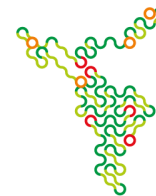
Os objetivos principais da congregação é a formação humana cristã por meio do acesso à educação. Segundo Helena Arns (2012) o documento que deu suporte a fundação da congregação aponta a extensão da vocação da Congregação das IENS em cinco pontos, são eles; A pobreza, a escola, a comunidade, os votos e a proteção. O item Escola, apresenta-se como o objetivo principal da Instituição das INES, assim sendo definido:

II – “A Escola – objetivo principal do Instituto”:

1. Quando ao Ensino, Job fundamenta:
“Quanto aos conteúdos... métodos..., as irmãs devem observar a regulação da respectiva autoridade... No entanto acrescenta que “à escola elementar, as irmãs Escolares devem unir uma escola industrial em que as meninas aprendam trabalhos manuais... Mas, o ensino não é a única tarefa a ser desempenhada na escola. O mais importante objetivo é:
 1. “A formação dos jovens corações - ... Uma formação da jovem para um vivo temor de Deus e piedade, para a fidelidade vocacional e para vida cristã. Se tal formação estiver unida a um ensino regular e apropriado, então se pode esperar, com razão, da escola:
 2. “Uma educação que é o alfa e o ômega – da escolaJob se refere a Jesus, instinto no testemunho (o exemplo): “Ele fazia e ensinava”. (At 1,1) E dizem daqueles que ensinavam em seu nome e segundo o seu exemplo: “Mas aquele que os guardar e ensinar, será grande no Reino dos céus.” (ARNS, p. 59, 2012)

Com base desses preceitos que a Congregação das Irmãs Escolares é fundada. Tendo como ideal a educação de meninas, para que quando jovens torneassem “puras e modestas, esposas delicadas e fiéis, mães piedosas e cristãs, donas de casa vigilantes” (ARNS, p. 60, 2012) isto é, a educação feminina era pensada nesse período no sentido de ensinar as mulheres a serem futuras mães e boas esposas. Segundo Miriam de Medeiros (p, 2017)

Wittmann partilhava da ideia de que educando as mães elas transmitiriam para seus filhos o que haviam aprendido e, a partir daí os ideais cristãos se disseminariam. Durante este estudo, não pude perceber uma concepção pedagógica definida em Wittmann ou em Madre Teresa, mas existem autores que, ao escreverem sobre a Congregação, apontam o pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) como inspirador de Wittmann. As IENS bávaras escrevem: “Pedagogo entusiasmado por Pestalozzi, acreditava numa formação feminina



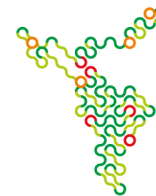
através de educadoras maternais. Ele atribuía às religiosas uma força especial, através do bom exemplo”.

Com base nessa assertiva, podemos considerar a possibilidade que a base da pedagogia das Irmãs Escolares está pautada na compreensão pedagógica de Johann Heinrich Pestalozzi⁴. O pedagogo é considerado pai da psicologia moderna, seu nome está vinculado aos movimentos de reforma da educação do século XIX. Chamado de pai dos homens podres, era um apaixonado pelo homem em ação. Tinham em Jean Jacques Rousseau um exemplo de educação, sendo um leitor assíduo do livro *Emílio*, do qual constituía como um exemplo a ser seguido no processo educacional. (SOETARD, 2010) Em sua jornada pela educação Pestalozzi, se dedicou aos cuidados das crianças pobres e abandonadas, seus escritos são inspirados em sua experiência, sendo o ato de amar as crianças como uma de suas práticas de felicidade. (SOETARD p. 31, 2010)

Desse modo, a indícios de que a base da pedagogia das Congregação das Irmãs Escolares de Nossa senhora, em especial no início de sua prática encontram-se em consonância com as ideias do filósofo, em especial quando se trata das questões relacionadas a relevância dada as mulheres na instrução das crianças na primeira infância, esse ideal de educação percorre igualmente o ideal da formação das mulheres, pois para ser uma boa mãe educadora, a mulher precisava aprender esse ofício. As INES (1989), reafirmam a importância que Madre Teresa dava a educação em modo familiar e de uma educação que lembrasse a educação dada nos lares pelas mães. Assim, as religiosas escrevem,

A formação deve ser realizada em estilo familiar, as Irmãs devem ser para as crianças, o que a “mãe é no lar”. Assim diziam os princípios pedagógicos formulados por Madre Teresa que nos influencia até hoje, com sabedoria universal, representando, porém, naquela época um programa revolucionário. O que Madre Teresa queria era que chamaríamos hoje de “ensino formador” uma pedagogia que não quer desenvolver apenas a inteligência, mas toda a personalidade. Formação do caráter e “escola para a vida”, em lugar de mera transmissão de conhecimentos especiais e preparação técnica. (IENS, p. 21, 1989)

⁴ Pestalozzi nasceu no dia 12 de janeiro de 1747 em Zurich, Suíça e faleceu em Brugg no dia 17 de fevereiro de 1827. De religião protestante, buscou pela vida eclesiástica, mas não teve êxito, entrou para o curso de direito, todavia também não concluiu, tentou a vida como agricultor e não teve sucesso que desejava, dedicando-se assim a escrita e experiências com a educação escolar. Como escritor publicou, obras sobre educação e política, dentre elas: *Diário de um pai* (1774), *Vigília de um solitário e Legislação e infanticídio* (1780), *Christopher e Alice* (1782), *Leonardo e Gertrudes* (1781-1790), *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana* (1798), *Como Gertrudes ensina seus filhos* (1801), *Canto do Cisne* (1827) e cartas endereçadas ao inglês Greaves que posteriormente formaram o livro *Mãe e filho* (1827). (SOETARD, 2010)



Esses pontos da pedagogia que Madre Teresa projetava para suas instituições, apresentadas pelas INES como o “ensino formador”, dialogam com o pensamento pedagógico de Pestalozzi e de diversos educadores do século XIX, como Froebel e Rousseau, isto é, uma instrução que prepare o indivíduo para a vida fora da escola, que possibilite a constituição de um sujeito que tenha uma formação não apenas profissional, mas também uma formação cidadão.

Após a fundação da congregação no final do século XIX, as Irmãs Escolares espalharam-se por pelos países do continente Europeu, africano, asiático, bem como para a América, tanto do Norte quanto do Sul. Com o ideal de realizar trabalhos educacionais, catequéticos e assistenciais, em especial em localidades que residiam imigrantes de famílias alemã, que necessitavam de seus trabalhos educacionais.

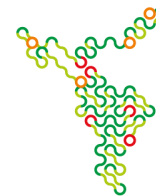
A vinda da congregação para o Brasil

As Irmãs da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, chegaram em Santa Catarina no dia 21 de outubro de 1935, na localidade de Forquilha que, à época, estava constituída por um núcleo de colonos em sua maioria alemães, que pertencentes ao município Criciúma⁵.

Os imigrantes de origem europeia que vieram para o Brasil na segunda metade do século XIX, por intermédio das políticas de colonização do governo Imperial, buscavam terras que possibilitassem a produção de subsistência para seus familiares. Os primeiros alemães que chegaram em Santa Catarina estabeleceram colônia em São Pedro de Alcântara em 1829 e de lá foram migrando para outras regiões do estado como a Colônia Santa Isabel, Colônia de Teresópolis e a Colônia de Capivary até chegarem no Vale do Rio Mãe Luzia no início do século XX, entre os anos de 1911 e 1912, onde iniciaram a ocupação desse território e nomearam de Forquilha.

Entretanto, esse processo migratório dos alemães para a região de Forquilha ocorreu juntamente com outras etnias, os luso-brasileiros, italianos, poloneses e mais adiante na década de 1970 de japoneses. Entretanto os alemães constituíam-se por grupo que centralizou a

⁵A localidade de Forquilha pertenceu ao Município de Criciúma até 1990, quando no dia 01 de janeiro de 1990 conquistou a sua emancipação política.



administração da região e assim formando um núcleo de colonos alemães. Todavia, é importante mencionar que esses territórios ocupados pelos imigrantes no início do século XX já era habitado pelos Xokleng, que além de habitar circulavam pelas áreas territoriais de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, e entre o planalto serrano e o litoral. Todavia, o contato com os povos europeus ocasionou vários conflitos que resultou no extermínio dos Xokleng. (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012)

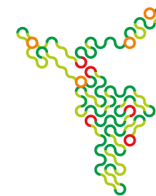
Dentre os grupos familiares que chegaram no vale do Rio Mãe Luzia que deu origem a Forquilha está a família de Gabriel Arns, que deu início a construção de uma escola comunitária e da Igreja Católica. De acordo com a literatura produzida pelas Irmãs da Congregação Escolar o padre responsável pela comunidade era o vigário Paul Linnartz de nacionalidade Alemã, o mesmo enviou cartas a Berlim para a Organização dos Católicos Emigrados pedindo a transferência de religiosas para o núcleo colonial de Forquilha, que pudessem contribuir no processo de escolarização dos filhos e filhas dos colonos, bem como em afazeres relacionados as demandas religiosas.

Após esse pedido, em 1935, chegaram em Forquilha cinco irmãs escolares da Alemanha, sendo elas: Maria Adolfine Meissner, Maria Maximília Kaboth, Maria Ínigo Likierski, Maria Thais Cyranka e Maria Emeline Mahlic.

As irmãs vieram como missionárias educadoras para a região com a finalidade de proporcionar o acesso à educação escolar aos filhos e filhas dos colonos que ali viviam. No mesmo ano em que chegaram, começaram a lecionar no núcleo comunitário escolar de Forquilha, chamado no período de União Escolar de Forquilha juntamente com os professores Adolfo Back e Jacob Arns.

No ano de 1940, as Irmãs Escolares fundam o primeiro convento e em 1949 e em conjunto com a escola começa a funcionar o Curso Normal Regional, denominado Dom Daniel Hostin, sendo que no ano de 1953, o Curso Normal regional passou a ser nivelado com o curso ginasial, assim a escola prestava os serviços desde a primeira série até o Ginásio.

Já no ano de 1964, foi fundado o Grupo Escolar Frei Baltazar e em 1966 iniciou o pré-primário. A implementação do ensino médio se deu em 1978 com o nome de Colégio Daniel Hostin, e 01 de janeiro de 1998 o Colégio passou sua nomenclatura para Colégio Sagrada família, que permanece até os dias atuais.



Todavia, as funções das Irmãs Escolares foram além da educação escolarizada. No ano de 1936 assumiram a administração do Hospital São José em Criciúma. As missionárias trabalhavam na vida religiosa e comunitária, realizando também trabalhos de assistência junto às famílias da localidade e arredores, por meio da instituição como o Serviço de Promoção Humana “Irmã Norberta” fundada em 1972.

A Irmã Maria Norbeta Ogniewski e suas fontes de pesquisa

No dia 29 de maio de 1937, mais três Irmãs vindas da Alemanha foram destinadas à Forquilha, foram elas: Irmã M. Hilda, Irmã Diethilde e Ir. M. Norberta, objeto desse estudo.

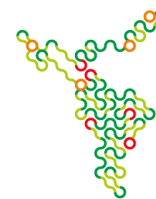
Irmã Norberta nasceu em Allenstein- na Prússia Oriental Breslau-Alemanha, em 19 de maio de 1907, e foi batizada com o nome de Elisabeth **Ogniewski**, renomeada como Irmã Maria Norberta Ogniewski após sua adesão definitiva à vida religiosa no ano de 1931.

Na imagem a seguir, apresento uma fotografia ilustrativa da Irmã Maria Norberta Ogniewski salvaguardada no Acervo fotográfico do Colégio Sagrada Família. Na imagem é possível observar a irmã com as vestimentas religiosas os braços cruzados e com aspecto de seriedade.

Figura 1 – Fotografia da Irmã Maria Norberta Ogniewski



Fonte: Acervo fotográfico Colégio Sagrada Família.

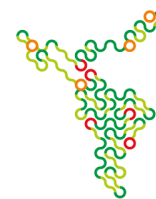


Irmã Norberta se dedicou para a educação escolar e realizou trabalhos de assistência comunitária e religiosa em Forquilha e região, sendo a primeira diretora do Colégio Sagrada Família, cargo que permaneceu entre os anos de 1950 a 1966, trabalhou no Serviço de Promoção Humana, e exerceu um papel de destaque na vida religiosa e comunitária de Forquilha até a sua morte no dia 09 de janeiro de 1999.

Irmã Norberta é uma figura muito lembrada pelas suas colegas de congregação, seus alunos/as e pelos sujeitos da comunidade de Forquilha, sendo reconhecida pelo seu trabalho do qual foi condecorada pelo Consulado Geral da República Federal Alemã no ano de 1980 e recebeu do município de Criciúma o título de cidadão Criciunense no ano de 1972, quando o atual município de Forquilha pertencia ainda ao município de Criciúma. Seu nome constitui denominações de ruas da cidade de Forquilha, como uma forma de eternizar seu legado no município.

Em função de Ir. Norberta Ogniewski ter sido uma religiosa que ganhou notoriedade na região por sua atuação nos campos educacional, religioso e assistencial, esta pesquisa busca compreender a sua trajetória por intermédio de alguns vestígios como escritos pessoais, documentos e objetos, além de outros testemunhos salvaguardados no Colégio Sagrada Família e na Casa das Irmãs Escolares localizada aos fundos da escola. Assim, dentre os documento e objetos pertencentes à congregação e à Irmã Norberta que foram identificados até o momento, encontram-se: livros, fotografias avulsas, álbuns de fotográficos e de cartões postais, passaportes da nacionalidade alemã da Irmã Norberta, registro de autorização para lecionar no Brasil, o certificado de condecoração pelo Consulado Geral da República Federal Alemã em 1980, o município de Criciúma o título de cidadão Criciunense no ano de 1972, cartas ao consulado alemão de Curitiba (PR), materiais pedagógicos como: livros pedagógicos, livros de literatura, slides, fitas de filme pedagógicos, além das vestimentas de origem alemã que foram utilizadas nas apresentações do grupo Folclórico Germânicos Immerfrof (seja feliz) criado pela Irmã Norberta na década de 1960 nas dependências do Colégio Sagrada Família, dentre outros documentos que estão em processo de mapeamento.

Os vestígios encontrados e pertencentes à congregação das Irmãs Escolares são de suma importância uma vez que trazem indícios da cultura escolar do Colégio Sagrada Família e do



trabalho realizado pela Ir. Norberta junto à comunidade de Forquilha para além do Colégio Sagrada família, atingindo o campo religioso e assistencial.

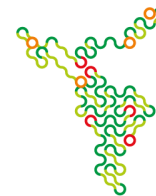
Nessa perspectiva algumas indagações foram suscitando: Quais as contribuições educativas da Ir. Norberta para a escola e para a comunidade de Forquilha? Como essa educadora se constitui como uma personagem tão marcante no imaginário dos moradores de Forquilha? A atuação da Ir. Norberta possibilitou a construção de uma cultura escolar específica? Quais as práticas cotidianas de educação da Ir. Norberta podemos identificar? Quais as metodologias utilizadas pela Irmã Norberta nas suas aulas? Quais trabalhos de assistência ela realizou na comunidade de Forquilha? Como a comunidade escolar qualifica a sua atuação? Quais os materiais pedagógicos foram utilizados em suas aulas? Quais os enfrentamentos Ir. Norberta presenciou no Brasil, em especial no processo de nacionalização do ensino brasileiro, sendo ela uma professora Alemã? Essas questões norteadoras que buscarei responder ao longo do processo de construção do trabalho de doutorado.

Para isso além dos trabalhos com as fontes documentais e o diálogo com os diversos autores e autoras que fazem parte do cabedal teórico para a realização desta pesquisa, se faz necessário realizar entrevistas com ex-alunos/as, pessoas da comunidade local que tiveram contato com religiosa, para que se possa compreender a sua trajetória, a partir de diferentes fontes, isto é, tanto fontes documentais e imagéticas, mas também fontes orais, produzidas por intermédio das entrevistas.

Considerações finais

O estudo aqui apresentado encontra-se em fase de andamento, dessa maneira, não disponho de resultados conclusivos efetivos. Todavia, nesse processo de construção da pesquisa, entende-se que uma das considerações de realizar uma pesquisa que busca analisar a trajetória profissional da Ir. M^a Norberta Ogniewski é a visibilidade que se pode dar à trajetória de vida de uma mulher que se dedicou a vida religiosa, a educação e aos trabalhos assistencialistas no Município de Forquilha no Extremo Sul de Catarinense.

Por intermédio de sua itinerário podemos compreender as suas atividades religiosas e principalmente profissionais no âmbito da educação escolar, assim essa pesquisa contribuiu para o conhecimento da história da educação local, e busca identificar uma cultura escolar produzida pela



religiosa no Colégio Sagrada Família, com base na análise dos seus documentos pessoais e institucionais e das entrevistas realizadas com pessoas que tiveram contato com sua prática docente.

São benefícios desse estudo, a preservação da memória de uma personagem que tem uma trajetória reconhecida na região dos extremos sul de Santa Catarina e o fortalecimento da história e memória educacional do Município de Forquilha e região.

Referências

ARNS, Maria Helena. **A Bem Aventurada Maria Teresa de Jesus**: fundadora da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Forquilha, SC: Ed. Formsul, 2012. 222 p.

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA – IENS. **Teresa Gerhardinger**: Corajosa Mulher de Fé e de Visão Mundial. Tradução das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Texto e material fotográfico: Provincialatos das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, München, Porto Alegre e São Paulo. Colaboração de Christian Feldmann. Strasbourg: Editions Du Signe, 1989. 52 p.

MEDEIROS, Miriam de. **A categoria pobreza na formação dos membros da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora à luz de Enrique Dussel e Paulo Freire**. 2017. 274 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017.

SOETARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010.

ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha, SC: Ed. UNESCO, 2012.